CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

HUGO LOUSADA FERREIRA

XADREZ RUSSO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO (1917-1924)

Ribeirão Preto

2023

HUGO LOUSADA FERREIRA

XADREZ RUSSO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO (1917-1924)

Trabalho de conclusão de curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá, para obtenção do título de licenciado.

Orientador: Me. Yuri Araujo Carvalho

Ribeirão Preto

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

F441

Ferreira, Hugo Lousada
Xadrez russo: diálogos entre educação e revolução (1917-1924)/ Hugo Lousada Ferreira - Ribeirão Preto, 2023.

52p.il

Trabalho de conclusão do curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Yuri Araujo Carvalho

1. Xadrez 2. Revolução de Outubro 3. Educação I. Carvalho, Yuri Araujo II. Título

CDU 94(47)

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB[8] 9878

HUGO LOUSADA FERREIRA

XADREZ RUSSO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO (1917-1924)

Trabalho de conclusão de curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá, para obtenção do título de licenciado.

Data de aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

_____

Me. Yuri Araujo Carvalho
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

_____

Me. José Faustino de Almeida Santos
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

_____

Dr. Gustavo Zen de Figueiredo Neves
Instituto de ensino infantil e fundamental Liceu Albert Sabin

Ribeirão Preto

2023

Dedico este trabalho a duas pessoas que me incentivaram imensamente a começar a graduação, mas não conseguiram ver sua finalização:

Julio Simões Ferreira
(21/08/1934 – 24/06/2018)

Norma Marinovic Doro
(27/09/1942 – 07/08/2019)

Que a História os tenha.

AGRADECIMENTO

Faço aqui uma regressão histórica (com a possibilidade de esquecer pessoas de importância, às quais já me desculpo previamente). Agradeço ao querido professor Luis Gabriel da Silva, com quem tive o prazer de ser aluno na ETEC DANS (Doutor Adail Nunes da Silva - Taquaritinga) e iniciando na vida enxadrística de fato, competindo regionalmente. Sem sua presença eu não teria adquirido parte da subjetividade e dos conhecimentos teóricos e práticos fundamentais para a escrita dessa monografia.

Ao Douglas, por há quase dez anos me acompanhar nessa jornada da vida enxadrística, sempre trocando conhecimentos comigo, seja sobre xadrez, seja sobre as experiências socialistas ao redor do mundo.

Parte do meu ímpeto se deve, com certeza, aos antigos camaradas dos tempos de minha morada e faculdade em São Paulo. Sobre estes, sou especialmente grato ao Paulo “Capa” Capanema e ao Igor Keiroglo – o primeiro por ter me introduzido no assunto da temática marxista, principalmente latino-americana, e o segundo por sempre contar histórias a respeito dos seus ancestrais soviéticos.

Agradeço, sem dúvidas, ao meu professor de História do ensino fundamental, Antonio Marcos Martins, e à minha amiga Laura, duas pessoas que carrego no coração e que estimularam em mim um processo crítico a partir de reflexões e ricas discussões.

Agradeço, de forma mais recente, aos veteranos e, de forma mais afável, aos companheiros de curso que contribuíram com essa pesquisa: seja com indagações, provocações, ou momentos de lazer que aliviassem corpo e espírito, compartilhando ótimos e péssimos dias comigo.

À professora e grande parceira Patrícia Sparvoli Costa, também dirijo meus agradecimentos, pelas conversas a respeito do jogo no processo educacional, fazendo possíveis vislumbres e pensamentos que anteriormente eu não possuía.

Não posso me esquecer de dirigir parte de meus agradecimentos às pessoas que conheci via redes sociais ao longo deste percurso, e que foram de suma importância durante a elaboração de um esboço temático do trabalho, entre elas: Priscila de Mattos; Carolina Pichetti Nascimento e Tais Julião, que foram extremamente solícitas o tempo inteiro.

Agradeço à banca, que não foi escolhida a esmo. Gustavo foi uma das primeiras pessoas a quem contei sobre minha ideia de tema, sugerindo alternativas desde o início. José Faustino, a quem chamo carinhosamente de Fausto, não somente leciona as principais disciplinas de ensino da História, como durante todo o curso fomentou a criticidade em seus alunos, de forma que seus apontamentos sempre se fizeram fundamentais no meu processo de pesquisa.

Agradeço também aos meus pais, parentes, amigos e à minha namorada, por terem me fornecido tanto suporte nesse período de elucubração que, para alguns, tenho certeza de que pareceu ter demorado anos.

Devo parte dos meus agradecimentos também aos camaradas de militância política, que me proporcionaram, nesses últimos meses, tanta energia e alento para suportar as intempéries da vida através da práxis política.

Agradeço profundamente, também ao meu orientador, Yuri, por ter aceitado o desafio de me instruir em um tema tão delicado, e que teve toda a paciência e dedicação para me acompanhar neste ciclo de pesquisa e escrita.

“O xadrez constitui um meio eficaz para a educação e formação do intelecto do homem”

(Che Guevara)

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a importância do xadrez para a construção da nova sociedade socialista russa após a Revolução de Outubro. Para tal, abarcaremos principalmente os anos entre 1917 e 1924, adentrando a uma contextualização histórica sobre a situação educacional, política e social pretérita ao período determinado como foco do estudo, fazendo uso da produção acadêmica leninista para a análise do século anterior à Revolução de Outubro. Em torno de todo o trabalho, o arcabouço teórico-metodológico utilizado é composto majoritariamente por autores de linha marxista, mesmo que citemos ocasionalmente autores de outras vertentes historiográficas e nos baseemos, por vezes, no próprio arcabouço marxiano. A pesquisa aqui estruturada mantém contato também com autores que vivenciaram a própria Revolução de Outubro e seus desdobramentos, como o já citado Lênin, além de Krupskaya, Lunatcharsky, Makarenko, entre outros, como maneira de entender o conceito de “educação socialista” sem desvinculá-lo da historicidade e materialidade do período histórico analisado. Em suma, proporcionamos a compreensão de que o xadrez, devido às suas múltiplas facetas, pode ser entendido e utilizado como um instrumento de modificação da realidade social, usando como exemplo histórico o caso russo.

Palavras-chave: xadrez; Revolução de Outubro; educação.

RESUMEN

Él presente trabajo tiene como objetivo analizar la importancia del ajedrez para la construcción de la nueva sociedad socialista rusa Después de la Revolución de Octubre. Para eso, abarcaremos principalmente los años entre 1917 y 1924, adentrando a una contextualización histórica acerca de la situación educativa, política y social previa al período determinado como foco del estudio, aprovechándonos de la producción académica leninista para analizar el siglo anterior a la Revolución de Octubre. A lo largo de todo el trabajo, el marco teórico-metodológico utilizado está compuesto principalmente por autores de línea marxista, aunque ocasionalmente citamos autores de otras vertientes historiográficas y em algunas ocasiones nos basamos en el propio marco marxiano. La investigación aquí estructurada también mantiene contacto con autores que vivieron la propia Revolución de Octubre y sus consecuencias, como el ya mencionado Lenin, así como Krupskaya, Lunatcharsky, Makarenko, entre otros, como una forma de entender el concepto de “educación socialista”, sin separarlo de la historicidad y materialidad del período histórico analizado. En definitiva, aportamos la comprensión de que el ajedrez, por sus múltiples facetas, puede ser entendido y utilizado como un instrumento de modificación de la realidad social, tomando como ejemplo histórico el caso ruso.

Palabras-clave: ajedrez; Revolución de Octubre; educación.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 ABERTURA 14
2.1 Historiadores dos jogos 14
2.2 História do xadrez 15
2.3 Teoria do xadrez 17
2.4 Xadrez e educação marxiana 19
3 MEIO-JOGO 23
3.1 Lênin: o surgimento de um estrategista 23
3.2 O processo revolucionário 26
4 XEQUE-MATE 36
4.1 Formação da URSS 36
4.2 A questão educacional 38
4.3 Xadrez e consciência socialista 40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 46
REFERÊNCIAS 48

1 INTRODUÇÃO

A hipótese inicial deste trabalho possuía como base a possibilidade de que o êxito da Revolução Russa tivesse contado com influências culturais diretas, já que "[...] as atividades de lazer constituem um dos canais possíveis de transformação cultural e moral da sociedade, sendo assim instrumentos de mudança [...]" (MARCELLINO, 1995, p. 36).

Sabendo-se que "[...] toda e qualquer participação social, efetiva e continuada, mesmo no lazer, constitui uma participação política em sentido amplo, e pode terminar na ação política institucional [...]" (CAMARGO, 1992, p. 83), foi feita a verificação, ao longo deste trabalho, se durante os anos de formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1917-1991), houve tal fomento da participação política através do lazer, mais especificamente, na figura do xadrez, por ser um esporte de grande enraizamento na cultura soviética até os dias atuais, tendo como legado histórico a hegemonia[1] soviética[2] no jogo ao longo do século XX (ROCHA, 2009).

A escolha por esse tema pretende contribuir com o preenchimento de uma lacuna historiográfica encontrada no percurso do trabalho, perpassando, portanto, questões objetivas, como a escassez de bibliografias encontradas especificamente sobre o assunto (de maneira que houve a necessidade de recorrer a autores estrangeiros não traduzidos), apesar da larga teorização a respeito da revolução por vias indiretas, a exemplo dos apontamentos de Nelson Marcellino:

> Ao questionar as possibilidades da elevação civil das camadas mais baixas da sociedade, através de uma mudança cultural, sem que seja precedida por uma transformação econômica, Gramsci não desvincula uma esfera da outra. Entretanto, ainda segundo esse pensador, a Revolução Cultural não pode ficar sujeita ao amadurecimento das condições econômicas, uma vez que a mudança intelectual e moral por ela pretendida poderá até preparar

---

[1] Segundo Cospito (2017, p. 722) "[...] encontramos a expressão 'hegemonia política', expressão introduzida por G. [Gramsci] entre aspas, para indicar a sua particular valência em relação à genérica acepção de 'preeminência', 'supremacia', que se encontra em sequência no mesmo apontamento, constituindo um espectro extremamente amplo de significados em um âmbito de contextos que vai da economia até a literatura, da religião até a antropologia, da psicologia até a linguística".

[2] De acordo com Wesley Rocha, "o norte-americano Robert J. Fischer, representante dos Estados Unidos da América do Norte, no ano de 1972, em Reikjavic - Islândia venceu o seu oponente russo Boris Spassky, representante da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. E como resultado recebeu o título de Campeão Mundial de Xadrez, pois conseguiu perfazer um total de 12,5 pontos contra o seu adversário que conseguiu 8,5 pontos. Fischer quebrou uma hegemonia de 26 anos dos russos" (ROCHA, 2009, p. 48).

> condições para modificações infra-estruturais (MARCELLINO, 1995, p. 78-79).

No próprio Centro Universitário Barão de Mauá não foi localizado estudo algum que abarcasse a dinâmica cultural da historicidade revolucionária (quaisquer que fossem) e suas imbricações. Portanto, a importância de um trabalho como este se encontra nesses aspectos, mas também indica possibilidade de transposição pedagógica, pois sabemos que o xadrez, devido às suas múltiplas facetas, "[...] coloca-se como um caminho fértil na exploração e no conhecimento de novos temas, podendo nos oferecer respostas consistentes em nossa busca audaciosa por conhecer a realidade na qual vivemos [...]" (JULIÃO, 2007, p. 137), além de mostrar-se, tal como veremos no último capítulo, como um instrumento contra-hegemônico.

Há também certa relevância social no presente trabalho, tendo em vista que, para além da própria característica contra-hegemônica já abordada, essa pesquisa pode ser valiosa para a própria prática educacional corrente. Como diz István Mészáros (2011), o mundo capitalista vive uma crise educacional desde o século XX, e uma nova reestruturação nesse âmbito pode ser pensada, consequentemente, em território brasileiro, quiçá ribeirão-pretano, criando ou ao menos suscitando sociabilidades mais sadias para pessoas de todas as idades, principalmente para crianças, que aderem mais facilmente a novidades.

Ademais, existem também certas subjetividades que atravessam o desenvolvimento deste trabalho. Desde os cinco anos de idade o jogo de xadrez permeia a vida do autor, que devido a seu encanto com a arte enxadrística nunca abandonou o esporte, tendo competido em campeonatos regionais e alcançado o atual estágio de professor de xadrez em uma escola particular da cidade de Ribeirão Preto. Outro ponto de grande relevância subjetiva é a proximidade do autor com movimentos políticos e sociais.

Pode-se dizer, portanto, que todos os pontos anteriormente elencados, em consonância, produziram o âmago da atual pesquisa, que usar-se-á de um arcabouço tanto marxista quanto marxiano para adentrar ao tema ensejado.

Os principais conceitos utilizados ao longo da presente pesquisa são o de "educação socialista", "educação omnilateral"[3] (mesmo que não seja encontrada

---

[3] Marcada pela "eliminação do hiato histórico entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre concepção e execução, assegurando a todos uma compreensão integral do processo produtivo. [...] A educação tem de assegurar o desenvolvimento integral da personalidade. Com a reaproximação da ciência e da produção [...]. Todo um universo de necessidades vem à tona nessas condições, ativando

nominalmente ao longo de todo o texto, perpetra as ideias norteadoras do trabalho), “reprodução socio-metabólica”[4] e de “tática” e “estratégia”, de forma que tais usos e definições serão encabeçados por autores como Karl Marx (1987), José Claudinei Lombardi (2017), Mario Manacorda (2007), Josef Doubek (1982), Nadezhda Krupskaya (2017), Marta Harnecker (2012) e István Mészáros (2008; 2007; 2011).

Assim sendo, a principal metodologia instrumentalizada durante essa pesquisa foi a revisão bibliográfica[5] qualitativa – mesmo que tenhamos analisado, como fonte primária, a Constituição da República Socialista Federativa Soviética Russa de 1918.

O objetivo geral do presente trabalho é a demonstração histórica, tendo como palco a Rússia após a Revolução de Outubro (de 1917 até 1924, portanto), de como o xadrez foi (e pode ser, no contexto de experiências revolucionárias futuras) importante para o desenvolvimento de uma nova sociedade, cunhada como a primeira e mais importante experiência socialista que o mundo já viu (NETTO, 2006). Para tal, sua apresentação foi dividida em três capítulos, cada qual com seus respectivos subcapítulos, tal como segue-se logo abaixo.

No primeiro capítulo, intitulado “Abertura”, há a explanação sobre a historiografia e a produção acadêmica em torno dos jogos e do xadrez (“historiadores dos jogos”); além de um breve escrutínio sobre o percurso histórico do jogo de xadrez até sua chegada ao território russo (“história do xadrez”); uma análise da prática enxadrística, tal como suas diferentes conceituações, de acordo com cada autor (“teoria do xadrez”) e a indicação teórica de como a educação socialista, propriamente

---

o indivíduo em todas as esferas da vida social, inclusive o consumo, o prazer, a criação e o gozo da cultura, a participação na vida social, a interação com os outros seres humanos e a autorrealização (autocriação). À comunidade é atribuído um novo e considerável papel no processo educacional, que transforma as relações entre os grupos dentro da escola (que evolui da competição para a cooperação e o apoio mútuo) e implica uma relação mais aberta entre a escola e a sociedade, pressupondo uma relação biunívoca e mutuamente enriquecedora entre professor e aluno. A teoria acima delineada não é fechada” (FERGE, 2001, p. 200).

[4] Maneira de reprodução social da ordem existente de acordo com a materialidade já posta. Assim sendo, “[...] ‘totalitário’ – [...] que sujeita cegamente aos mesmos imperativos a questão da saúde e a do comércio, a educação e a agricultura, a arte e a indústria manufatureira, que implacavelmente sobreponha tudo seus próprios critérios de viabilidade, desde as menores unidades do seu ‘microcosmo’, até as mais gigantescas empresas transnacionais, desde as mais íntimas relações pessoais aos mais complexos processos de tomada de decisão dos vastos monopólios industriais, sempre a favor dos fortes e contra os fracos” (MÉSZÁROS, 2011, p. 96).

[5] Método no qual, segundo Barros (2009, p. 104), “o que se pede [...] são comentários críticos sobre alguns itens da bibliografia existente que você considera particularmente importantes, seja para neles se apoiar, seja para criticá-los. [...] A Revisão Bibliográfica, em última instância, é um exercício de crítica. Através dela, o autor busca seus interlocutores”.

de acordo com as formulações marxista e marxiana, pode fruir das potencialidades do xadrez a partir de suas múltiplas facetas (“xadrez e educação marxiana”).

O segundo capítulo denomina-se “Meio-jogo”. Neste capítulo, é possível observar dois pontos de fundamental importância para o desenvolvimento do presente trabalho: primeiramente, a intersecção entre a revolução e o xadrez, principalmente na figura estratégica-enxadrística de Lênin (“Lênin: o surgimento de um estrategista”); posteriormente, encontra-se a teorização propriamente histórica da Revolução Russa e suas consequências em diferentes âmbitos (político, social, educacional etc.), adentrando os principais acontecimentos do período em questão até a finalização da Guerra Civil Russa e suas problematizações, tal como especificado por Osvaldo Coggiola (2005) (“o processo revolucionário”).

O terceiro e último capítulo, nomeado “Xeque-mate”, aprofunda-se em questões referentes à reconstrução da Rússia após o período da Guerra Civil Russa, assim como a estruturação de uma nação, imbricada por outros países soviéticos (“Formação da URSS”); outrossim, há o estabelecimento de diálogos sobre a formação do novo aparato estatal educacional da mais nova nação emergente, de acordo com os novos princípios da sociedade socialista (“A questão educacional”); finalmente, há a justaposição entre os preceitos da nova sociedade soviética e as práticas educacionais surgidas a partir de então, com produções teóricas que viriam a ficar conhecidas em todo o Ocidente até os dias atuais e suas associações com o xadrez enquanto ferramenta para a solidificação do novo regime socioeconômico (“Xadrez e consciência socialista”). Desejamos uma boa leitura.

2 ABERTURA

Neste capítulo, com o intuito de iniciar o leitor no universo enxadrístico, far-se-á uma análise sobre alguns pontos concernentes à importância do jogo de xadrez para o entendimento geral do trabalho.

Nesse sentido, o presente capítulo, cunhado de forma a abranger a historicidade do jogo e seus usos teórico-educacionais, está dividido em quatro repartições, a saber: “Historiadores dos jogos”, em que a discussão permanece nos entornos da própria historiografia sobre o lúdico; “História do xadrez”, na qual mostra-se o desenvolvimento histórico, especificamente do xadrez, até sua chegada nos territórios da Ásia e Europa de Leste; “Teoria do xadrez”, responsável por demonstrar a própria teoria enxadrística, tal como seus possíveis diálogos com os conceitos leninistas de “tática” e “estratégia”; e “Xadrez e educação marxiana”, dialogando sobre a funcionalidade do jogo de xadrez, em teoria, no processo educacional enunciado por Marx e Engels.

2.1 Historiadores dos jogos

Dentro das perspectivas que se encontram no âmbito da historiografia e da teoria dos jogos, há grande variedade. Nota-se a importância de alguns estudiosos, em especial, para a vanguarda e desenvolvimento de tais teorias - desde a definição propriamente do que poderia ser considerado um jogo em si, até sua importância individual e/ou social - como Roger Caillois, Karl Groos, Friedrich Schiller (MURCIA, 2005), Frederik J. J. Buytendijk, Karl Kerényi (HUIZINGA, 2019), além de Johan Huizinga, autor citado até mesmo em produções acadêmicas que envolvem diretamente o jogo de xadrez, como no caso do capítulo escrito por Taís Julião (2007) para o livro “A Importância do Xadrez”, e da dissertação de Wesley Rocha (2009) na área de História pela Universidade Católica de Goiás, intitulada “O jogo e o xadrez: entre teorias e histórias”.

Contudo, rejeitaremos ao longo do presente trabalho os autores supracitados. Apesar de certamente configurarem-se como estudos clássicos, entendemos que, para uma análise mais profunda e específica do objeto em questão, é necessário dialogarmos com autores que falem diretamente do jogo de xadrez e em sua defesa a partir de outras perspectivas.

É bem verdade que Huizinga, diferentemente de outros clássicos, cita, ainda que brevemente, o xadrez em sua obra máxima. Contudo, seus encaminhamentos metodológicos manifestam-se alheios aos desígnios do presente trabalho, pois como o próprio autor diz, “[...] é possível um jogo de xadrez fascinar os assistentes, embora, apesar disso, ele seja estéril para a cultura e destituído de qualquer encanto visível” (HUIZINGA, 2019, p. 62).

Portanto, levando em consideração as palavras do próprio autor e partindo do princípio já declarado anteriormente, faremos uso, primordialmente, de autores que dialoguem diretamente com o xadrez e o mostrem de maneira propositiva, como o fazem Edward Lasker (2014), Rubens Filguth (2007), Taís Julião (2007), Alexander Kotov (1961) e Josef Doubek (1982). Além disso, mesmo que indiretamente (mas relacionando-se com a realidade vivida no contexto histórico aqui analisado), entabularemos diálogos com Nadezhda Krupskaya (2017), Moisey Pistrak (2009), entre outros.

Seguindo a proposta, é importante que se diga que uma definição única e simples seria supérflua para demarcarmos o que realmente é o jogo de xadrez e qual sua importância para a estrutura social e cultural. Contudo, tentaremos, mesmo que sumariamente, esboçar sua definição. Alguns enxadristas, como Lasker, consideravam o xadrez “uma ‘luta’; já para a maioria dos jogadores russos trata-se de ‘um esporte’” (DOUBEK, 1982, p. 88). Outros, como Michel de Montaigne, categorizaram o jogo enquanto

> [...] uma ciência, outros uma arte, ou um divertimento. Para monomaníacos como Alekhine ou Fischer, o xadrez é um combate intelectual entre dois contendores, cada qual querendo impor ao outro a sua vontade, portanto envolvendo componentes psicológicos com raízes no subconsciente. Na realidade o xadrez abrange todos estes aspectos (DOUBEK, 1982, p. 88).

Apesar disso, “[...] posto que não se possa definir a essência do xadrez com rigorosa exatidão, ou talvez por isso mesmo, ele continua sendo um jogo fascinante, uma brilhante e inebriante mescla de esporte, arte e ciência” (DOUBEK, 1982, p. 91).

2.2 História do xadrez

O jogo de xadrez, ao que tudo indica, teve seu surgimento na região da Índia (ainda com o nome de *chaturanga*), no século VI (ROCHA, 2009) tendo se

espalhado ao redor do mundo de acordo com as relações comerciais que foram sendo estabelecidas entre diversas regiões ao longo da história, com grande destaque para a ocupação muçulmana dos territórios da Península Ibérica, que funcionaram como mola propulsora para o desenvolvimento do jogo em larga escala no continente europeu (LASKER, 2014).

Não entraremos aqui nos pormenores de seu surgimento nem nos detalhes de seu desenvolvimento teórico até suas configurações atuais. Contudo, em torno do conteúdo bibliográfico extenso sobre esse tema, destaca-se o trabalho magistralmente desenvolvido por Lasker (2014). O mais importante ao raciocínio aqui traçado diz respeito à chegada do xadrez em território russo e sua rápida infiltração na população:

> O xadrez russo é sem dúvida de origem puramente asiática, embora as regras geralmente adotadas na Europa Ocidental no começo dos tempos modernos sejam hoje observadas em toda a vasta extensão desse país, tanto na Europa como na Ásia. Os russos provàvelmente [sic] tiveram pela primeira vez conhecimento do jogo já no século VIII, através de seus mercadores que levavam produtos de todas as partes do país rio abaixo, pelo Volga, até o mar Cáspio, a fim de embarcá-los para um porto persa e transportá-los depois em camelos até Bagdá, o grande mercado dos muçulmanos. Lá aprendiam a jogar xadrez com os árabes e persas, que nessa época já praticavam amplamente o jogo (LASKER, 2014, p. 31).

Para além disso, “[...] um curador da Universidade de São Petersburgo, que foi ao norte da Sibéria em 1895 realizar estudos etnológicos verificou que todas as tribos – Samoyedes, Tungusianas, Yakuts etc. – tinham entusiásticos jogadores de xadrez” (LASKER, 2014, p. 32). Observa-se, portanto, que o jogo de xadrez russo é muito mais antigo do que sua comum associação ao período da Rússia socialista, marcando tão incisivamente a história do país – seja por lenda ou por realidade, conta-se que o *czar* Ivan, O Terrível, morreu sobre o tabuleiro, jogando xadrez em um período no qual o jogo era proibido não só pela Igreja ortodoxa russa mas inclusive pela própria corte monárquica (LASKER, 2014, p. 33).

Após longos séculos de modificações na forma e no conteúdo do jogo devido às suas variações locais ou mesmo intranacionais, o xadrez adquiriu certa uniformidade (mesmo que de forma cadenciada) no território russo, através da decisão da “[...] corte de Pedro, o Grande, ter adotado o jogo moderno europeu” (LASKER, 2014, p. 33), fazendo com que fosse mais comum “[...] aparecer na Rússia livros sobre xadrez” (LASKER, 2014, p. 33) – mesmo que a população, no geral, fosse

analfabeta, tendo seu panorama modificado apenas com o advento da União Soviética a partir de 1917 (LASKER, 2014).

2.3 Teoria do xadrez

É importante discorrermos brevemente a respeito da teoria enxadrística, sendo necessária tal contextualização para melhor entendimento dos assuntos que serão tratados posteriormente, principalmente sobre a adesão do jogo de xadrez na URSS. Como em qualquer outro jogo, o xadrez é permeado por uma série de regras que não devem ser amplamente expostas aqui, por não compreenderem especificamente o objetivo do trabalho[6]. Contudo, alguns conteúdos sobre a teoria do xadrez são interessantes do ponto de vista metodológico por guardarem certa similaridade com o conteúdo que será exposto futuramente, no capítulo 3, sobre a prática educacional soviética no período revolucionário. Apesar de, para um iniciante ou desconhecedor da arte enxadrística (FILGUTH, 2007), ser importante o conhecimento sobre os movimentos e a organização das peças, pularemos essa etapa tendo em vista que não nos é válido aqui tratarmos desse assunto[7].

Comecemos, portanto, pelo cálculo analítico presente no jogo de xadrez, sem a pretensão de abrange-lo totalmente devido à vastidão de tal teoria. Nota-se que, na "[...] medida que vamos adquirindo experiência, desenvolvemos gradualmente uma melhor compreensão do inter-relacionamento das peças e nos apercebemos de que é o jogo de conjunto que torna o xadrez tão interessante" (DOUBEK, 1982, p. 40). De acordo com a teoria enxadrística, cada peça possui seu valor, sendo que é justamente o entrelaçamento e a sobreposição das peças que configuram o real valor delas, e não a quantidade de peças em jogo. Como diz Doubek:

> A posição das peças num determinado momento, e a sua cooperação com outras peças, é o que realmente importa. Na realidade, todo jogador de xadrez procura com cada lance aumentar o poderio das suas peças, movimentando-as para esta ou aquela casa, de onde possam interferir no combate com maior eficácia. A apreciação de uma posição está na dependência da atividade de cada peça. Frequentemente constatamos que uma peça teoricamente inferior, graças à particularidade do seu modo de mover-se, pode ser empregada com grande vantagem em certas situações nas quais as peças mais fortes talvez sejam inúteis (DOUBEK, 1982, p. 51).

---

[6] Para compreender as regras do xadrez, consultar: D'AGOSTINI, O. **Xadrez Básico.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

[7] Para mais informações a respeito desse tema, indicamos: DOUBEK, J. **Xadrez para Principiantes**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1982.

Ou seja, para além de sua potencial força enquanto peça isolada, o que realmente fornece à cada peça seu valor real é como é feita sua imbricação com as outras peças que se colocam sobre o tabuleiro, como é exemplificado pelo autor:

Figura 1 – Diagrama 1

Fonte: DOUBEK, 1982. p. 51.

Analisando o diagrama, é percebido que o peão, que em teoria possui a pontuação mais baixa do jogo, está em posição fortíssima por ter a oportunidade de causar a perda, ao oponente, minimamente do cavalo, que possui em si uma pontuação triplamente maior do que a do peão, já que em teoria o valor do peão é de 1 e o de cavalo 3 (D'AGOSTINI, 2002, p. 17). Isso se deve não à atuação do peão de forma isolada, mas sim à correlação de forças (LÊNIN, 1921 *apud* HARNECKER, 2012) que a peça em questão estabelece em parceria com a dama, conforme o exemplo mostrado (DOUBEK, 1982).

Outro ponto de demasiada importância sobre o desenvolvimento das partidas de xadrez – e para que seja entendida a correlação entre o jogo de xadrez e a Revolução Russa, cujos aspectos serão explanados posteriormente – é o chamado "meio-jogo", que sucede os lances de abertura. "É nesta fase da partida que os jogadores, sem esperar mais, devem adotar algum plano, decidir-se por uma estratégia que se coadune com a posição existente [...]" (DOUBEK, 1982, p. 66), de forma a "[...] encontrar o lance ou a série de lances que corresponda à sua estratégia. Isto denomina-se tática, ou seja, diversas combinações, premeditadas lance por

lance, que visam à obtenção de vantagens estratégicas ou à conquista de material" (DOUBEK, 1982, p. 66). É de grande relevância debruçar-nos sobre esse tema, pois, também no processo revolucionário russo, guardam-se similaridades com esse percurso teórico do jogo de xadrez, como é visível ao longo das linhas de Edmund Wilson (1986) e em caso de comparação da teoria enxadrística com alguns escritos de Vladímir Lênin, organizados por Marta Harnecker (2012).

A exemplo dessa aproximação, tal como nos termos enxadrísticos, temos, em conceitos revolucionários, que: "'tática revolucionária': é o conjunto de orientações concretas formuladas para pôr em prática a estratégia revolucionária em cada nova conjuntura política" (HARNECKER, 2012, p. 114), de maneira que, assim como assinalamos a respeito do jogo de tabuleiro já referido

> A tática deve se adaptar a diversas situações. Cada vez que surge uma nova conjuntura política, a tática deve responder com formas de organização e de luta apropriadas à nova situação. Mas a tática não deve apenas considerar as diferentes formas como se dá o enfrentamento social, mas também deve estar atenta à correlação de forças existente em cada situação concreta, assim como deve ser capaz de caracterizar corretamente a situação concreta que se vive (HARNECKER, 2012, p. 110).

2.4 Xadrez e educação marxiana

Apesar de já existir, no século XVIII, durante a Revolução Francesa, o pensamento sobre a importância da educação integral indicada principalmente "[...] por Lavoisier e por Condorcet, que foram apoiados pelas grandes massas populares [...]" (KRUPSKAYA, 1917, p. 424 *apud* MANACORDA, 1992, p. 57), e a exaltação, por parte de Benjamin Franklin, do "[...] jogo de xadrez como um meio de educação [...]" devido aos seus atributos (DOUBEK, 1982, p. 88), ainda não havia, imbuído nesse pensamento, o caráter social e principalmente classista da concepção adquirida através do pensamento marxiano. Portanto, falaremos aqui sobretudo a respeito da educação omnilateral proposta por Karl Marx e seus sucessores em contraposição à educação integral burguesa proposta por autores como Owen, Pestalozzi e Rousseau (LOMBARDI, 2017).

Marx e Engels não escreveram quaisquer livros especificamente dedicados à educação, mas em torno de suas obras é possível identificar pontos fulcrais do pensamento educacional de ambos. De acordo com Mario Manacorda (2007, p. 35), "[...] os primeiros textos que devemos examinar são, primordialmente, os Princípios

do comunismo, primeira versão redigida em forma catequística por Engels, em novembro de 1847 [...]", que mais tarde viria a se tornar o "Manifesto do Partido Comunista".

Mas afinal, o leitor desavisado pode perguntar-se o que é, de fato, a educação omnilateral (ou em outras palavras, a educação marxiana). A essa pergunta, Engels diz que

> O ensino permitirá aos jovens acompanhar o sistema total de produção, colocando-os em condições de se alternarem de um ramo da produção a outro, segundo os motivos postos pelas necessidades da sociedade ou por suas inclinações. Eliminará dos jovens aquele caráter unilateral imposto a todo indivíduo pela atual divisão do trabalho. Deste modo, a sociedade organizada pelo comunismo oferecerá aos seus membros a oportunidade de aplicar, de forma onilateral, atitudes desenvolvidas onilateralmente (ENGELS, 1948 *apud* MANACORDA, 2007, p. 37).

Para que entendamos o contexto social em que a proposta educacional marxiana vem à tona, é necessário ter-se em vista seu surgimento como um desenlace a uma questão candente e característica do sistema capitalista, que é a especialização. Para isso, Marx escreve que

> Com efeito, desde o instante em que o trabalho começa a ser distribuído cada um dispõe de uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e na qual não pode sair; o homem é caçador, pescador, pastor ou crítico crítico, e aí deve permanecer se não quiser perder seus meios de vida – ao passo que na sociedade comunista, onde cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode aperfeiçoar-se no ramo que lhe apraz, a sociedade regula a produção geral dando-me assim a possibilidade de hoje fazer tal coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo meu desejo sem jamais tornar-me caçador, pescador, pastor ou crítico (MARX, 1987, p. 47).

Para um prosseguimento educacional objetivo, que torne possíveis as condições para um resultado social da maneira exemplificada por Marx, é fundamental uma transição que leve em consideração a construção histórica coletiva e que conceba a escola como instrumento socio-metabólico indispensável ao longo dessa mudança geral e complexa, na qual "[...] os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados [...]" (MÉSZÁROS, 2008, p. 25), de forma que qualquer "[...] reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir [...]" (MÉSZÁROS, 2008, p. 25) com as suas funções históricas e essencialmente sociais.

Porém, partindo do fato de que a teoria marxista e, propriamente a teoria marxiana, devem partir de "[...] pressupostos reais de que não se pode fazer abstração a não ser na imaginação [...]" (MARX, 1987, p. 26) e de que cada região do mundo segue seu próprio modo de produção a depender inclusive de suas imbricações histórico-econômicas (MARX, 2011), é importante a indicação de que na Rússia pré-revolucionária as condições sociais não eram tão diferentes quanto ao que Marx e Engels analisam a respeito da educação nos moldes capitalistas, como nos apresenta uma das mais célebres educadoras soviéticas:

> Na atualidade, a grande maioria é obrigada a procurar trabalho não de acordo com seus gostos e inclinações, mas pela possibilidade de conseguir este ou aquele emprego. Hoje, a preparação geral para o trabalho tem grande valor, pois dá a possibilidade de não ficar amarrado por anos a uma especialidade estreita, e em caso de necessidade, mudar de tipo de ocupação e profissão. Além disso, deve-se considerar a união do trabalho físico e intelectual que vemos na escola americana – conexão que "intelectualiza" o trabalho físico e que fertiliza a atividade intelectual, que prepara a eliminação da divisão da sociedade em ossos brancos, engajados no trabalho intelectual, e ossos negros, destinados ao trabalho físico (KRUPSKAYA, 2017, p. 45).

É notório, pelas palavras da autora, que a preocupação pela educação omnilateral extrapola as razões exclusivamente sociais, permeando aspectos econômicos e adentrando a face sentimental sobre a satisfação pessoal, apesar da visão coletivista sempre reforçada.

Tendo em vista que o xadrez é capaz de fomentar várias habilidades humanas como a memória (DAUVERGNE, 2007, p. 14), criatividade (BLANCO, 2007, p. 30), imaginação (BLANCO, 2007, p. 30), senso de comunidade (FILGUTH, 2007, p. 28), autocontrole (BLANCO, 2007, p. 30), autocrítica (BLANCO, 2007, p. 30), solidariedade (BLANCO, 2007, p. 31), previdência (CARNEIRO; LOUREIRO, 2007, p. 32), trabalho em equipe (HORIGUTI, 2007, p. 42), estratégia (JULIÃO, 2007, p. 132) e paciência (FILGUTH, 2007, p. 35), não é de se impressionar o fato de ter sido tão largamente usado educacionalmente não só nas experiências socialistas ao redor do mundo (como em Cuba e URSS), mas também em países de tradição capitalista, como EUA, Brasil e França (FILGUTH, 2007).

O ponto nevrálgico de seu uso pedagógico reside no resultado final e no processo no qual o jogo está envolvido, a depender das relações estabelecidas das mais diferentes formas por cada país e sociedade. No caso do presente estudo, especificamente a Rússia em seu momento de transição revolucionária será observada. Contudo, chancelamos que outros países de tradição socialista, por

despertarem menos atenções do que a experiência socialista mais impactante que a história do mundo já presenciou (NETTO, 2006), podem ser abarcados em uma expansão analítica futura, abrangendo a relação que tais países socialistas criaram entre a educação e o xadrez, de acordo com suas respectivas culturas e historicidades.

3 MEIO-JOGO

No capítulo que se segue, contextualiza-se primeiramente a formação de Vladímir Lênin enquanto revolucionário e, principalmente, estrategista ("Lênin: o surgimento de um estrategista"); posteriormente há a apresentação do contexto propriamente histórico sobre a Revolução Russa e seus antecedentes ("O processo revolucionário").

3.1 Lênin: o surgimento de um estrategista

Para que entendamos como Lênin alcançou tamanha importância em seu papel revolucionário, é necessário que façamos uma breve "escavação" a respeito de sua história familiar e as conexões sociais desenvolvidas ao longo de sua vida entre as pessoas mais próximas do revolucionário marxista.

Lênin, nascido com o nome de Vladímir, no ano de 1870 do calendário gregoriano (KRAUSZ, 2017), não era filho de uma família rica (apesar de nobre), e era, assim como mais da metade da população de sua cidade natal, Simbirsk, considerado pequeno-burguês[8] (KRAUSZ, 2017, p. 38), fato que proporcionava a Lênin e seus irmãos uma vida razoavelmente confortável, com a possibilidade da fruição da vida material de forma que a grande maioria da população russa não conseguia, como evidencia Wilson ao descrever a residência dos Ulianov:

> Na sala de jantar, a grande mesa da família está coberta por uma toalha de renda grossa. Aqui, é evidente, era também lugar de leitura e estudo e onde se jogava xadrez. Há peças de xadrez, um mapa na parede, uma pequena máquina de costura. Nas estantes, Zola, Daudet, Victor Hugo, Heine, Schiller e Goethe, além dos clássicos russos; há também muitos mapas e globos: a Rússia e a Ásia, os dois hemisférios, o mundo (WILSON, 1986, p. 333).

Nota-se, portanto, que apesar de não serem burgueses ou detentores do grande capital, os Ulianov tinham acesso à alta cultura russa, de acordo com as possibilidades financeiras da família. O pai de Lênin, o senhor Ilía Ulianov,

> [...] era conhecido por ser extremamente esforçado, ambicioso e talentoso. De início, tornou-se inspetor de escolas públicas na gubiérnia de Simbirsk, e, mais tarde, foi nomeado diretor das escolas públicas do distrito. Era reconhecido como intelectual local, tendo alguma reputação (KRAUSZ, 2017, p. 39-40).

---

[8] "Marx, porém, usou a expressão mais no sentido de 'pequena burguesia', para designar a classe ou camada social que está entre a burguesia e a classe operária". *In*: BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 111.

Detentor de um visível entusiasmo com o povo russo, bem como engajado no âmbito educacional do país, o senhor Ulianov, de acordo com Wilson (1986),

> [...] era conhecido como "o liberal", e seu senso de responsabilidade para com o povo lhe proporcionava uma motivação intensa que nem todos viam com bons olhos. Como professor de ginásio, jamais cobrara dinheiro dos alunos mais pobres por prepará-los para os exames; e agora dedicava-se com entusiasmo à tarefa de construir uma rede de escolas em Simbirsk. Viajava por toda a província, por estradas cheias de lama, na primavera e no outono, e cobertas de gelo, no inverno. Às vezes passava semanas viajando. Entrando em choque com funcionários, formando professores, dormindo em casebres de camponeses, adquiriu uma capacidade especial de lidar com todo tipo de gente (WILSON, 1986, p. 331).

Além disso, é dito que Ilía Ulianov "[...] acreditava em restrições à burocracia autocrática, na emancipação dos pobres e, de modo geral, na cultura russa" (KRAUSZ, 2017, p. 41). Tais fatores e valores foram, inevitavelmente, transmitidos a seus filhos, tendo em vista que "[...] entre os jovens russos que já liam Marx nos anos 1880 e início da década de 1890, estavam os dois filhos mais velhos [Anna e Aleksandr] do diretor das escolas da província de Simbirsk [...]" (WILSON, 1986, p. 329) – o segundo, inclusive, foi até mesmo preso após a tentativa de assassinar o *czar* Alexandre II em 1887, sendo levado à forca e "[...] executado em 8 de maio [...]" (KRAUSZ, 2017, p. 51) do mesmo ano.

Tal fato e suas consequências, como a perseguição e o desprezo à sua família na região de Simbirsk, provocaram tamanho impacto que Lênin, segundo sua esposa Nadezhda Krupskaya, rememorava-os em vários momentos de sua vida adulta, de forma a inspirar "[...] nele uma antipatia pela covardia dos liberais nos momentos difíceis, um sentimento que ele guardaria pelo resto da vida" (WILSON, 1986, p. 418).

Sobre a mãe de Lênin, Maria Aleksándrovna Blank, sabe-se pouca coisa e existem ainda hoje certos desencontros historiográficos que dificultam o acesso aos fatos fundamentais de sua vida. Há, contudo, alguns consensos, sendo dito que Maria tinha a mesma paixão pela instrução que Ilía (WILSON, 1986, p. 330) e era filha de pai médico, tendo condições sociais ainda melhores que a de seu marido (KRAUSZ, 2017, p. 42). Observa-se que Maria, apesar de não ser muito citada de forma isolada e independente, figurou como uma das pessoas de maior influência na vida de Lênin, principalmente no cuidado com a casa e com os filhos, já que Ilía passava grandes

temporadas fora da residência devido a seu trabalho (KRAUSZ, 2017, p. 42). Contudo, mesmo cuidando de vários filhos,

> [...] sua mãe dedicava sempre atenção especial a "Volódia", como ela o chamava, cujas habilidades revelaram-se desde bem cedo. Aos cinco anos, ele sabia ler e escrever. E aprendia muito com a mãe, que falava vários idiomas – em especial alemão – e com frequência tocava piano com Volódia e os irmãos. É possível que isso tenha alimentado em Vladímir Ilitch a paixão por música séria, os altíssimos respeito e zelo por livros e a receptividade à cultura em geral (KRAUSZ, 2017, p. 44-45).

Dadas as circunstâncias sociais e econômicas da família de Lênin, Krausz (2017, p. 44) aponta, portanto, que "Vladímir Ilitch usufruiu de tudo o que se podia oferecer a uma criança de família pertencente à intelectualidade russa da época" e, devido aos fatores indicados, todos os filhos de Ilía e Maria "[...] se tornariam revolucionários [...]", cada um à sua maneira (KRAUSZ, 2017, p. 42).

Esse acesso à mais alta cultura russa foi fundamental para que Lênin e seus irmãos tivessem contato com leituras, líderes e escritores revolucionários e progressistas de primeira categoria. Ademais, "[...] o pai lhe ensinou desde cedo a jogar xadrez, e incontáveis reminiscências relatam que travou partidas com frequência quase até o fim de sua vida" (KRAUSZ, 2017, p. 45).

Aleksandr, cujo apelido era Sacha, foi o irmão que exerceu mais influência sobre o pensamento de Lênin (KRAUSZ, 2017), principalmente pelo fato de a ligação entre ambos ser proporcionada, fundamentalmente, pelo tabuleiro de xadrez. É dito que, "[...] com frequência, eles brincavam no jardim, jogavam xadrez ou se divertiam às margens do Volga durante o tempo livre [...]" (KRAUSZ, 2017, p. 48), de tal forma que

> [...] certa vez ela [Maria, mãe de Lenin] lhe pediu que fizesse algo quando ele estava jogando xadrez com Sacha; Vladimir respondeu-lhe algo secamente e continuou a jogar. Sacha disse-lhe que, se não obedecesse à mãe, ele abandonaria a partida. Uma tarde — relata seu irmão Dmitri — as crianças menores estavam brincando no quintal. Pela janela aberta, protegida por uma tela, elas viam Sacha e Volodia no quarto, sentados, absolutamente imóveis e calados, debruçados sobre o tabuleiro iluminado (WILSON, 1986, p. 335-336).

Em outras passagens, Wilson (1986) esclarece que apesar de Lênin, em virtude de sua atividade revolucionária estar muito ocupado, nunca se esqueceu do jogo que aprendeu com seu pai. Tal conservação pode ser encontrada em uma carta escrita a seu irmão em 1910, em que "[...] Vladímir, sabendo que o xadrez será um

consolo para o irmão com sua deficiência física, começa a escrever sobre problemas enxadrísticos: ‘Tenho sentido vontade de voltar a jogar’” (WILSON, 1986, p. 356).

Tamanha admiração de Lênin pelo jogo fez com que seu cunhado, na tentativa de aproximar-se mais dele, tenha lhe dado a oportunidade de jogar com um de seus amigos e melhores jogadores de toda a Rússia, Andrei Khardin, conhecido por ter conseguido derrotar um dos maiores jogadores russos de todos os tempos, o histórico Chigorin (HUDSON, 2013, p. 54). Nota-se que, até o fim da vida de Lênin, um de seus maiores passatempos continuava sendo o xadrez, de maneira que a prática inicialmente familiar acabou por proporcionar ao revolucionário marxista a formação de novas relações sociais, como com Gorki e Bogdanov (HUDSON, 2013) e a “[...] posição de enxadrista mais notável entre os bolcheviques” (HUDSON, 2013, p. 48, tradução nossa).

É bem verdade que, devido às circunstâncias envoltas no ano de 1917, Lênin preferiu manter-se focado na política revolucionária, deixando o tabuleiro de lado. Contudo, Lepeshinskii, um de seus antigos amigos dos tempos de exílio, interpreta que “[...] Lênin estava jogando um tipo de xadrez virtual o tempo todo, através da revolução [...]” de forma que “[...] o escopo tornou-se enorme e as apostas haviam aumentado exponencialmente, mas o jogo era análogo [...]”; de tal modo, “[...] a revolução representou um ataque de abertura - Lênin avançando um peão contra as fortalezas do capitalismo, e o inimigo contra-atacando em força” (HUDSON, 2013, p. 67, tradução nossa).

3.2 O processo revolucionário

Sobre a história do processo revolucionário russo em si, é possível recorrer a vários autores[9], cada qual com sua própria perspectiva, mas há de se ter em vista que “[...] mal estamos começando a escalar o himalaia [sic] de documentação dos arquivos soviéticos. Portanto, não é possível uma história definitiva” (HOBSBAWM, 2013, p. 332).

Entre os autores brasileiros que possuem pesquisas sobre o assunto, está Paulo Fagundes Visentini (2017), professor universitário de qualidade extensamente reconhecida. No entanto, há em sua obra “Os Paradoxos da Revolução Russa” alguns

[9] Muitos dos quais discutidos ao longo da presente monografia, tais como Hobsbawm (2013), Coggiola (2005), Kochan (1968), Carmichael (1967) e Tragtenberg (1988).

pontos discutíveis: logo nas primeiras páginas, o autor apresenta o próprio livro como um ato de “descrever e analisar a história da Revolução Soviética de 1917 a 1991, na tentativa de explicar os fundamentos de seus paradoxos [...]”, de forma a evitar “[...] a polêmica ideológica adjetivada” (VISENTINI, 2017, p. 12).

Contudo, partimos, assim como vários autores[10], do pressuposto de que não há possibilidade da existência de discursos neutros. Como aponta Eni Orlandi (1990, p. 4), “não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político”. É um erro, portanto, assinalar que não há um movimento ideológico ao longo do livro, mesmo que exista uma tentativa de isenção, pois todo discurso é atravessado, dirigido e estruturado através da ideologia, “[...] inclusive os discursos científicos” (PÊCHEUX, 1995, p. 153). Apesar disso, a construção do presente trabalho não pretende figurar como um julgamento das partes envolvidas no processo descrito, pois a função do historiador não deve ser de firmar “vilões” ou “heróis” (BLOCH, 2021).

Para que haja uma melhor compreensão a respeito do período histórico a ser analisado, é importante fazermos uso de uma perspectiva de longa duração, já que “[...] o tempo curto é a mais [...] enganadora das durações” (BRAUDEL, 1968, p. 5).

Portanto, devemos situar o leitor de que a cronologia do evento denominado “Revolução Russa” possui seus indícios sociais ainda no século XIX, mesmo que seu ápice histórico tenha sido atingido apenas em 1917 (KOCHAN, 1968). Não por acaso há, aqui, a definição do século XIX como ponto inicial: o próprio Lênin (1984) colocava em questão o fato da abolição da servidão na Rússia czarista, ocorrida em 1861, ter sido o mote inicial para a germinação do operariado russo que viria a formar, nos anos que antecederam a Revolução Russa, o proletariado insurgente.

Entretanto, é importante que se diga: nem todos os servos tornaram-se operários. O campesinato continuou existindo, inclusive em circunstâncias econômicas e políticas muito parecidas com as de outrora, de forma que Lênin (1984) os chamava de “semi-servos”. Nesse quesito, é cabido um apontamento teórico-

[10] Tais premissas podem ser aferidas desde Weber (2000), passando por Michel Pêcheux (1995), Michel de Certeau (2010), Foucault (1996), Fernandes (1978), Bourdieu e Passeron (1992), Chesneaux (1995), Fontana (1998), Chauí (2008), Bakhtin (1975), entre outros.

metodológico: há a confusão, por parte de alguns intelectuais (como o já citado Visentini [2017]), de que a diferença entre mencheviques e bolcheviques se daria de modo aos primeiros terem como foco os camponeses, enquanto os segundos teriam como foco o operariado e as cidades.

Tal afirmação, no entanto, é invalidada por autores como Marisa Bittar e Amarílio Ferreira Junior (2021, p. 245): a divergência entre ambos era guiada por fatores táticos, já que, mesmo que os mencheviques anunciassem serem socialistas, defendiam "[...] transformações não revolucionárias, ou seja, propugnavam por reformas políticas progressivas. Portanto divergiam dos bolcheviques em relação à implantação imediata das medidas revolucionárias de caráter socialista [...]", sendo esse um dos fatores principais para o rompimento do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR) nessas duas alas, no ano de 1903 (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021, p. 245).

Os próprios escritos de Lênin acabam por reiterar a interpretação de Bittar e Ferreira Junior (2021), tendo em vista que o estrategista escreveu mais de uma dezena de textos sobre a questão agrária ao longo de sua vida[11], ressaltando em vários deles a "união de classe", tal como especificado diversas vezes no programa do POSDR, de 1902, presente em "A Aliança Operário-Camponesa" (1961).

Para além da preocupação com o campesinato nos programas partidários, Lênin assinalava, em seus textos de caráter histórico, que a situação dos trabalhadores russos (fossem rurais ou citadinos) no século XX era ainda, estruturalmente, muito pouco diferente do analisado antes da abolição da servidão (LÊNIN, 1984). O abismo social que separava as classes russas na passagem do século XIX para o XX era tão grande que

> [...] a hierarquia da sociedade russa era perfeitamente visível na estratificação da cidade [Simbirsk]. No ponto mais elevado, chamado "Coroa", ficavam as residências das classes mais prósperas, com jardins onde floriam lilases. Lá havia dois grupos distintos: a nobreza e os funcionários do governo. Aqueles orgulhavam-se de seus ancestrais e desprezavam os funcionários, que não eram nobres de verdade e entre os quais havia uma hierarquia com quatorze postos (WILSON, 1986, p. 331-332).

Enquanto a Rússia estava sob comando do *czar* Alexandre II (1855-1881) – e apesar do período das reformas sociais na metade do século XIX, as quais

[11] Conferir em: Vladimir Ilitch Lenine. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/. Acesso em: 09 maio 2023.

envolveram a histórica libertação servil – os anos e décadas posteriores foram de retrocesso, devido ao fato de que:

> O *czar* seguinte, Alexandre III [1881-1894], que subiu ao trono no início da década, após o assassinato de Alexandre II, resolveu deixar de lado aquelas políticas reformistas que haviam sido tão desastrosas para seu antecessor. Seu primeiro ato foi vetar um projeto que visava estabelecer comissões de consulta, por meio do qual Alexandre II pretendera fazer uma concessão às classes instruídas; e começou a praticar a política mais abertamente reacionária que se pode imaginar. Fortaleceu a Igreja Ortodoxa; enfraqueceu os conselhos locais e colocou as comunas camponesas sob controle autocrático (WILSON, 1986, p. 338).

Tais medidas das décadas de 1880 e 1890 foram marcadas pelo paradoxo[12] da revolução industrial russa proposta por Vitte[13], que usava de capital estrangeiro para subsidiar a transformação industrial e social idealizada pelo governo, mesmo já existindo a discussão, internamente ao próprio governo, de que haveria a possibilidade do aumento dos levantes populares (KOCHAN, 1968).

Agregado a isso, mesmo a década de 1890 tendo sido o "[...] ponto em que a indústria russa entrou na maturidade [...]" (KOCHAN, 1968, p. 14), ela ficou "[...] longe de trazer benefícios para a massa do povo russo [...]", contribuindo "[...] ativamente, portanto, para o seu empobrecimento. Os flagelos da fome de 1891 e 1898 emprestaram trágica ênfase a este argumento" (KOCHAN, 1968, p. 15). Não obstante, internacionalmente o contexto econômico e político também não era favorável ao governo russo, pois:

> Simultaneamente [à latência revoltosa e pobreza russa], as crises internacionais de fins do século XIX – Fashoda, Guerra Hispano-Americana, Guerra dos Bôeres, Rebelião Boxer – se combinaram para reduzir o suprimento de capital estrangeiro à Rússia (KOCHAN, 1968, p. 29).

Assim, o custeio da industrialização tomou forma de tarifas extremamente onerosas aos trabalhadores (reconhecidas por Vitte) (KOCHAN, 1968, p. 24), que somadas à situação da classe trabalhadora russa e sua organização (fomentada principalmente após a chegada dos ideais iluministas na Rússia através de sua

---

[12] Para mais informações sobre o paradoxo da modernidade na Rússia, desde a breve industrialização com o reinado de Pedro, O Grande (1682-1721) até o período de Vitte, consultar: BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

[13] Sergei Yulievitch Vitte, pessoa de confiança tanto do *czar* Alexandre III como de seu sucessor, Nicolau II, exerceu liderança no Ministério das Comunicações e da Fazenda a partir da ascensão de Alexandre III ao poder. Consultar: KOCHAN, Lionel. **Origens da Revolução Russa (1890-1918).** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

participação na Revolução Francesa[14]), fizeram com que o descontentamento popular generalizado promovesse a aglutinação de forças distintas na virada do século XIX para o XX.

> Num país autocrático, com uma imprensa completamente subjugada, numa época de reação política encarniçada, que reprimia as mínimas manifestações de inconformismo político e de protesto, a teoria do marxismo revolucionário, de repente, abriu caminho na literatura que era o próprio alvo da censura, expondo-se numa linguagem esópica, mas compreensível a todos os "interessados" (LÊNIN, 2020, p. 33-34).

Todavia, mesmo com tal movimentação de grande aporte, Lênin anunciava que havia ali um problema: as greves, apesar de robustas, não possuíam o caráter necessário para a derrubada da estrutura governamental por não conterem em si o pensamento marcadamente marxista. Isto é, todo o movimento social da década final do século XIX era pautado pela ideologia trade-unionista, ou melhor dizendo, sindical (LÊNIN, 2020, p. 49). Segundo o revolucionário, tratava-se de uma disputa ideológica, pois

> [...] uma vez que nem sequer se pode falar de uma ideologia independente, elaborada pelas próprias massas operárias ao longo do seu movimento, o problema se coloca somente da seguinte maneira: ou ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio-termo (porque a humanidade não elaborou nenhuma "terceira" ideologia; além disso, em geral, na sociedade dilacerada pelas contradições de classe, jamais poderá existir uma ideologia extraclasses ou supraclasses). Por isso, qualquer rebaixamento da ideologia socialista, qualquer afastamento dela significa fortalecer a ideologia burguesa (LÊNIN, 2020, p. 57).

A sugestão para resolver o conflito em questão, para Lênin, encontrava-se em "[...] tomar ativamente o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política [...]" (LÊNIN, 2020, p. 74), abrangendo os "[...] mais diferentes aspectos da vida e da atividade sindical, cívica, pessoal, familiar, religiosa, científica, e assim por diante" (LÊNIN, 2020, p. 75).

Além da conturbação socioeconômica presente na Rússia, havia a disputa entre grupos ideológicos diferentes que competiam entre si pela liderança da revolta popular, desde a segunda metade do século XIX (VISENTINI, 2017). Entre eles estavam os *narodniks* (populistas russos), os marxistas (representados principalmente

---

[14] Para mais informações sobre o envolvimento do Império Russo na Revolução Francesa, sugerimos a leitura de: MANFRED, A. Z. **A Concepção Materialista da Revolução Francesa**. São Paulo: Global Editora, 1982.

pelo grupo Emancipação do Trabalho), e os anarquistas (na figura principal de Bakunin) (VISENTINI, 2017).

Nota-se que foi a partir dessas contradições, tanto teóricas (entre os combatentes contra o czarismo) quanto práticas, das condições materiais do povo russo após os anos 1880 (KOCHAN, 1968), que a agitação social tomou forma e sua "[...] ascensão espontânea [foi] tão rápida [...]" (LÊNIN, 2020, p. 67), desenvolvendo-se o movimento e a luta popular grevista de maneira que fosse inevitável uma tentativa revolucionária em 1905, sendo uma espécie de "ensaio geral" (CARMICHAEL, 1967) para a revolução de 1917.

No ano de 1905, ponto de grande importância para as sucessivas movimentações políticas rumo à revolução, havia "[...] 1 milhão e meio de operários em greve [...]" (COGGIOLA, 2005, p. 17) não somente contra as condições sociais e políticas russas, mas também contra o ímpeto militar russo, que historicamente levava, como consequência, a população às ruínas (KOCHAN, 1968) – e que estava novamente ocorrendo, dessa vez na forma da Guerra Russo-Japonesa iniciada em fevereiro de 1904 (COGGIOLA, 2005, p. 18).

A problemática enfrentada pelo governo czarista era de que maneira poderiam diminuir a quantidade dos levantes, iniciados ainda nas décadas anteriores, sem recorrer à polícia e ao exército, extensamente utilizados como forma de repressão[15] e tenazmente criticados pelo líder dos bolcheviques[16]. A solução encontrada foi a de mandar vários dos grandes agitadores para a guerra em curso, imaginando que as cidades russas deixariam de ter tanta efervescência e que, em caso de vitória, a moral do governo czarista seria aumentada (KOCHAN, 1968). Em janeiro de 1904, diria um dos ministros russos: "a fim de deter uma revolução, necessitamos de uma pequena guerra vitoriosa" (KOCHAN, 1968, p. 81).

No entanto, contrariando a perspectiva de alguns representantes da monarquia, a Guerra Russo-Japonesa serviu como catapulta para as revoltas da classe trabalhadora russa, de forma que em poucos meses, começaram os assassinatos de representantes do Império Russo, como atesta Kochan ao dizer que

> [...] a guerra produziu na própria Rússia uma eclosão de hostilidade esquerdista que levou diretamente ao assassinato de Bobrikov, o governador

[15] Segundo Kochan (1968, p. 46), "o Exército era chamado a agir com frequência cada vez maior - 19 vezes em 1893, 50 em 1899, 33 em 1900, 271 em 1901 e 522 em 1902".

[16] Tais críticas podem ser localizadas em: LÊNIN, V. I. **O que fazer?** São Paulo: Boitempo, 2020. p. 76; p. 136 e p. 142.

> da Finlândia, e ao do execrado von Plehve. A morte deste, a 15 de julho de 1904, realmente rompeu a frente do governo (KOCHAN, 1968, p. 82).

Tais tensões, aliadas às derrotas russas em 1904 na Guerra Russo-Japonesa (COGGIOLA, 2005), foram determinantes para que o governo czarista abrisse as portas para uma negociação com a população sublevada (KOCHAN, 1968). No entanto, apesar de uma das lideranças revoltosas, Serge Trubetskoy, ter sido nomeado para encaminhar uma carta ao *czar* Nicolau II em novembro de 1904, e ter tido suas reivindicações aceitas, as negociações não duraram muito tempo, haja vista que "[...] o efeito apaziguador dessas medidas, foi mais do que anulado por um comunicado intransigente de 14 de dezembro. Este condenou violentamente todas as violações da ordem pública e reuniões ilegais" (KOCHAN, 1968, p. 86).

Nas semanas que se seguiram, a repressão foi ainda mais violenta, resultando no que ficou conhecido como Domingo Sangrento, acontecido em 9 de janeiro de 1905 (segundo o calendário juliano) (TRAGTENBERG, 1988). Nesse evento em específico, as forças armadas reprimiram fortemente uma manifestação que exigia

> [...] completa liberdade de imprensa falada e escrita, liberdade de associação sindical, direito de greve, expropriação dos grandes latifúndios em benefício das comunidades camponesas, convocação de uma Assembleia Constituinte, instrução gratuita e obrigatória, 8 horas de jornada de trabalho (TRAGTENBERG, 1988, p. 70).

Durante as reivindicações às portas do Palácio de Inverno (residência dos Romanov), milhares de manifestantes, liderados pelo padre Gapon, "foram metralhados à queima-roupa por milhares de soldados" (TRAGTENBERG, 1988, p. 71). Gapon, figura controversa, tentou conciliar-se com o governo czarista após a mortandade, pedindo perdão ao *czar*. Contudo, foi descoberto por trabalhadores que, percebendo-o como uma liderança não-confiável, mataram-no e organizaram, então, o primeiro soviete russo, com delegados operários (TRAGTENBERG, 1988). Tratou-se do "resultado de um movimento unificado de auxílio mútuo entre os trabalhadores, criado para enfrentar os longos períodos de duração da greve geral" (COGGIOLA, 2005, p. 24).

Em meio à crise candente do Império Russo, "o capitalismo francês socorreu, para salvá-lo" (COGGIOLA, 2005, p. 25), enquanto, Nicolau II, "utilizando o sistema do voto censitário, que impedia a participação eleitoral da maioria da população, convocou uma Assembleia Legislativa (*Duma*)" (COGGIOLA, 2005, p. 24).

Mas a formação da Duma, mesmo sendo aceita por alguns grupos políticos, como os KD[17] (por ter sido formada principalmente por integrantes desse partido) (COGGIOLA, 2005, p. 26), não foi bem recebida pelos bolcheviques desde seu início, pois segundo eles o que ocorria, na prática, era "a partilha da presa, para que os lugarzinhos de ministros, de vice-ministros, de governadores-gerais etc. etc. fossem ocupados" (LÊNIN, 2017, p. 52).

Mesmo contando com grande superioridade nos anos de 1904-1906, "o movimento [proletário] sofreu uma reversão logo em seguida, e os anos de 1908 a 1911 aparecem como um período de contrarrevolução vitoriosa" (COGGIOLA, 2005, p. 27). Esses embates, ora com ameaça de xeque-mate por parte dos partidos liberais e burgueses aliados ao czarismo, ora por parte dos bolcheviques, só viriam a ter um desenlace maior "nos primeiros dois meses de 1917" (COGGIOLA, 2005, p. 28), devido ao endurecimento de condições nacionais e internacionais e do corrente desenvolvimento do capitalismo, que causou o agravamento da luta de classes europeia de maneira geral (COGGIOLA, 2005).

Na virada do século, portanto, "o conjunto das contradições acumuladas provocaria crises internacionais a partir dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do século XX [...] até literalmente explodir na Primeira Guerra Mundial" (COGGIOLA, 2005, p. 73). A partir de então, o Império Russo entrou na guerra ao lado de França e Inglaterra, enquanto havia em seu território uma população economicamente carente e soldados muito mal abastecidos em todo e qualquer aspecto (COGGIOLA, 2005). Ainda de acordo com Coggiola:

> Calcula-se que dos 15 milhões e meio de soldados recrutados até 1917, morreram de 45 a 54%. Por essa época, começaram a aparecer os sinais de decomposição do exército russo, ao mesmo tempo que a economia mostrava-se prestes a entrar em colapso: as fábricas russas tinham capacidade para satisfazer apenas um terço das capacidades militares. Só podiam ultrapassar esse limite ao custo de provocar uma crise de abastecimento da população. Foi exatamente isso que ocorreu em 1916 por ordem do *czar* (COGGIOLA, 2005, p. 75).

Os efeitos dessa decisão foram de aumento do movimento grevista e de enorme paralisação econômica a partir de 1916. A economia ia de mal a pior e, em meados de fevereiro de 1917, o governo russo foi obrigado a instituir racionamento

---

[17] "Abreviatura (das iniciais russas) empregada para designar os Democratas Constitucionais, que se estabeleceram em outubro de 1905 em consequência da revolução daquele ano. Foram mais tarde rebatizados Partido da Liberdade Popular. [...] Grosso modo, era o partido dos proprietários de terra progressistas, da classe média e dos intelectuais da classe média" (CARMICHAEL, 1967, p. 219).

devido ao miserável abastecimento de alimentos no país (COGGIOLA, 2005). O pânico popular foi generalizado e tão logo começou um movimento de quebra-quebra em protesto às longas filas no comércio russo; “[...] os operários e camponeses começaram a tomar consciência de que haviam marchado à guerra por questões que lhes eram por inteiro alheias [...]” (COGGIOLA, 2005, p. 77).

As rebeliões se seguiram de tal maneira que, em 23 de fevereiro de 1917, os comerciantes fecharam as portas e uniram-se aos levantes populares. Dois dias depois, os bolcheviques já eram os grandes organizadores dos levantes e a polícia havia sido impedida de agir pelos cossacos, que anteriormente eram pró-governo czarista (COGGIOLA, 2005). Em 26 de fevereiro, os soldados russos contrariaram a ordem de reprimir a população mas acabaram por ceder contra a própria vontade; contudo, logo na manhã seguinte, os próprios soldados armaram a população através do saque de arsenais militares na cidade de Petrogrado, que em poucas horas foi dominada pelos revoltosos (COGGIOLA, 2005). Nesse contexto, por insistência do primeiro-ministro Aleksandr Kerensky, o exército czarista foi desintegrado (TRAGTENBERG, 1988).

Os ministros do *czar*, temendo o pior, fugiram e deixaram o Palácio de Tauride (sede da *Duma*) para o menchevique Aleksandr Kerensky, que recebeu os revoltosos. Em poucos dias, o então *czar* Nicolau II renunciou ao trono e o indicou a seu irmão Mikhail, em 2 de março de 1917 (COGGIOLA, 2005), mas a proposta foi recusada e o Príncipe Lvov o assumiu (TRAGTENBERG, 1988). Estava instaurado o Governo Provisório, ainda duramente criticado pelos bolcheviques devido ao seu caráter burguês (LÊNIN, 2017). Para contrapô-lo, foi fomentada a participação popular, por parte dos bolcheviques, no Soviete de Petrogrado, “[...] instituição popular e profundamente desconfiada em relação à burguesia e ao novo poder republicano instituído pelo Governo Provisório [...]” (COGGIOLA, 2005, p. 83) e que detinha o “poder real”, enquanto o Governo Provisório detinha apenas o “poder legal” (COGGIOLA, 2005, p. 85).

Segundo Coggiola (2005), a população que antes estava indecisa sobre qual movimento específico apoiar, se identificou prontamente com os bolcheviques a partir das Teses de Abril propugnadas por Lênin em abril de 1917 e adotadas pelo partido bolchevique em 8 de abril daquele ano, sendo essa uma grande reviravolta na trajetória da Revolução Russa, a qual acelerou os próximos acontecimentos. A união dos sovietes nos primeiros meses de 1917, conjuntamente à perda de moral do

Governo Provisório com o operariado russo, levaram ao acirramento da instabilidade da relação *soviet*-governo (COGGIOLA, 2005).

No mês de junho, “as manifestações operárias evidenciaram a influência bolchevique e de seu slogan ‘abaixo os ministros burgueses’. Uma segunda crise aconteceu em julho-agosto [...]” (COGGIOLA, 2005, p. 99) quando os operários de Petrogrado se manifestaram com o mesmo mote, com tanta combatividade que impressionaram até mesmo os bolcheviques (COGGIOLA, 2005). De janeiro até agosto, o partido bolchevique havia presenciado um crescimento, em quantidade de seus partidários, em 800% (COGGIOLA, 2005).

O Governo Provisório, ao fortalecer movimentos como os Cem-Negros, de extrema-direita (VISENTINI, 2017) e relacionados ao general Kornilov, criava ainda mais indignação popular (de forma que foi o próprio povo russo que pôs fim à empreitada militar de Kornilov de tomar Petrogrado) e, indiretamente, maior crescimento do partido bolchevique (COGGIOLA, 2005).

> A tentativa de Kornilov foi a gota d’água: ela precipitou deserções em massa no *front*, radicalizou a revolução agrária, permitiu a extensão da influência bolchevique nos *soviets*, em que pela primeira vez os partidários de Lênin obtiveram maioria. Os operários exigiam o fim do governo de coalizão e medidas imediatas (COGGIOLA, 2005, p. 110).

Em 10 de outubro de 1917 o Comitê Central do partido bolchevique aprovou a tomada do poder na Rússia sem haver de se esperar o II Congresso dos *Soviets*, agendado para 20 de outubro; contudo, ainda havia o contexto da Primeira Guerra Mundial presente na realidade russa, em que cidades importantes como Riga estavam sob controle alemão (COGGIOLA, 2005). De pouco em pouco, em meados de outubro, “pontes, correios, estações tipográficas e edifícios públicos iam caindo nas mãos dos marinheiros e soldados do *soviet* dirigido pelos bolcheviques” (COGGIOLA, 2005, p. 115), até que ao longo dos dias 24 e 25, “os regimentos e os Guardas Vermelhos se lançaram ao assalto dos pontos mais estratégicos da cidade” (COGGIOLA, 2005, p. 115) de Petrogrado. Estava deflagrada a Revolução de Outubro[18] e em poucas horas houve o II Congresso Panrusso dos *Soviets*, aprovando “o novo ‘Governo dos Comissários do Povo’, presidido por Lenin” (COGGIOLA, 2005, p. 115).

---

[18] É válido o apontamento de Tragtenberg (1988, p. 78): “[...] em 1917 os bolcheviques tomaram o poder, mas no sul da Rússia só triunfaram a 26 de novembro de 1920. É que na Ucrânia ocorrera uma revolução social conhecida como *makhnovstchina*, liderada por um camponês, Nestor Makhno”.

4 XEQUE-MATE

No presente capítulo, debruçar-nos-emos sobre os primeiros anos da Rússia socialista (ou em vias de tornar-se). Primeiramente, há a contextualização histórica de como encontrava-se a primeira nação socialista do mundo após a Revolução de Outubro ("formação da URSS"); em seguida, abarca-se como a educação marcou importância nesse período ("a questão educacional"); posteriormente, há a inclusão da maneira pela qual o jogo de xadrez foi instrumentalizado na educação a partir do vislumbre da nova sociedade socialista ("xadrez e consciência socialista").

4.1 Formação da URSS

Dadas as determinações historicamente constituídas a partir do processo revolucionário, a nova ordem socialista havia de acompanhar "[...] uma nova época [que] havia começado para a humanidade" (COGGIOLA, 2005, p. 118). No entanto, havia uma série de desafios a seguir: para além da Ucrânia sob Makhno (TRAGTENBERG, 1988), a Finlândia conflitava com os alemães, a Georgia com o Império Turco e as fronteiras chinesas na Manchúria eram ocupadas pelos japoneses – estourava, portanto, a Guerra Civil Russa (COGGIOLA, 2005)[19].

Para evitar constrangimentos internacionais, turbulências econômicas e perdas humanas ainda maiores, "era inevitável que a Rússia logo saísse da guerra" (HOBSBAWM, 2013, p. 336). Então, os bolcheviques decidiram assinar o Tratado de Brest-Litovsk a 5 de janeiro de 1918, saindo da Primeira Guerra Mundial (COGGIOLA, 2005). A essa altura, o território russo era ocupado por várias das potências bélicas mundiais e por exércitos reacionários (COGGIOLA, 2005); contudo, os problemas e peculiaridades internas dos países envolvidos fizeram com que se voltassem para os interesses nacionais respectivos (COGGIOLA, 2005), já que "a Primeira Guerra Mundial abalou profundamente todos os povos nela envolvidos" (HOBSBAWM, 2013, p. 340).

[19] Apesar de sua nomenclatura, Coggiola (2005, p. 151) alerta que havia a invasão externa por todos os lados da fronteira, de alemães, austríacos, tcheco-eslovacos, romenos, franceses, ingleses, estadunidenses, japoneses, finlandeses, estônios e lituanos.

Enquanto isso, ao longo de uma grande esteira de modificações institucionais, em julho de 1918 já era aprovada a primeira constituição da República Socialista Federativa Soviética Russa[20] e a partir de fins de 1918, a empreitada marxista tomava forma internacional: grandes líderes revolucionários[21] eram libertos da prisão e organizações comunistas ou simpatizantes juntavam-se aos Congressos da Internacional Comunista de 1919 e 1920 (ambos em Moscou), coligando grupos políticos de França, Inglaterra, Holanda, Espanha e da própria Rússia (COGGIOLA, 2005).

A soma desses fatores fez com que, sem demora, a Guerra Civil Russa acabasse, no ano de 1921 (COGGIOLA, 2005), e a partir de então começasse uma estruturação mais vigorosa do território russo rumo ao socialismo marxista, tendo como os três "nomes [que] receberam consideração especial, os de Lênin, Trotsky e A. V. Lunacharsky, que foi nomeado Ministro[22] da Educação e ficou conhecido por suas ideias liberais em relação à arte e à literatura" (CARMICHAEL, 1967, p. 207).

Em março de 1921, logo após o fim da Guerra Civil Russa[23] e na tentativa de melhorar as estruturas sociais fortemente abaladas pelos eventos militares em que a Rússia se envolvera, introduzia-se a NEP (Nova Política Econômica), que visava superar "o 'comunismo de guerra' que havia vigorado na Rússia Soviética até o término da guerra civil" (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 119), enquanto criavam-se "as condições da transição do capitalismo para o socialismo mediante a retomada do crescimento das forças produtivas" (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 119). Ainda de acordo com Ferreira Junior e Bittar, "a recuperação econômica da Rússia Soviética por meio das medidas adotadas pela NEP" (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 120), como o controle estatal dos bancos, ferrovias, meios de navegação, grande indústria e outros aparatos, "possibilitou criar as condições materiais e sociais elementares do processo inicial de construção do socialismo" (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 120).

---

[20] A Constituição da URSS encontra-se disponível em: https://www.marxists.org/history/ussr/government/constitution/1918/. Acesso em: 12 set. 2023.
[21] Entre eles Béla Kun, Josip Broz "Tito" e Renter-Friesland (COGGIOLA, 2005, p. 132).
[22] Conforme RSFSR (1918), é mais comum, no entanto, o uso da nomenclatura "Comissário do Povo para a Educação".
[23] Aqui, há controvérsias, pois mesmo que Bittar e Ferreira Junior (2020) usem a data de 1921, Coggiola (2005) alega que a Guerra Civil Russa findou-se em 1922. Neste trabalho, o mais importante é a conceituação de que a URSS foi fundada em 1922 (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 125).

Em suma, a partir de 1921, a prática política dos bolcheviques almejava "três outras 'revoluções' que complementavam a Revolução de Outubro: industrial, agrária e cultural" (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 120). Para cumprir tal objetivo, iniciou-se um amplo processo de eletrificação e alfabetização em todo o território russo (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021), desfrutando de mudanças rápidas, tendo em vista que

> No domínio da instrução pública, por exemplo, a população alfabetizada cresceu de 32%, em 1920, para 40% nos fins de 1926. Nas aldeias funcionavam mais de 22 mil salas de aulas; o rádio e o cinema começaram a incorporar–se aos hábitos dos camponeses. Foi neste contexto histórico que Lênin exortou os povos que habitavam o antigo império czarista a se engajarem nas tarefas de construção da sociedade socialista na Rússia Soviética. Para o líder bolchevique, a tarefa começava pela organização da nova escola de Estado e é essa face da sua atuação revolucionária nos primeiros tempos da Rússia Soviética, pouco conhecida da literatura da educação [...] (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 122).

4.2 A questão educacional

A importância da educação para a revolução socialista não é apenas teórica, de maneira que Mészáros (2007, p. 293) anuncia que "o papel da educação não poderia ser maior na tarefa de assegurar uma transformação socialista plenamente sustentável", tendo em vista que, para o autor, "o significado real de educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente à altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação" (MÉSZÁROS, 2007, p. 295).

O fator educacional é também marcadamente importante na prática, seguindo a demonstração histórica da Revolução Russa, como podemos ver logo na primeira página da Constituição da República Socialista Federativa Soviética Russa de 1918, em que lê-se: "O quinto congresso instrui o Comissariado do Povo para a Educação a introduzir em todas as escolas e instituições educacionais da República Russa o estudo e a explicação dos princípios básicos desta Constituição" (RSFSR, 1918, tradução nossa), deixando claro que, para o sucesso da apreensão da lei e dos novos costumes (não somente legais, mas também culturais e sociais) da sociedade socialista, haveria de ter uma apreensão sociometabólica reproduzida a partir dos meios educacionais (MÉSZÁROS, 2008).

Anatóli Lunatcharsky, intelectual responsável pelos primeiros anos da direção do Comissariado do Povo para a Instrução Pública (FELÍCIO; CHAVES; MOREIRA, 2022), também deixou seus registros sobre a importância da instrução e da integração de novos elementos culturais para o desenvolvimento da nova sociedade socialista, afirmando que “para a formação de um homem novo fica perfeitamente claro que, do ponto de vista da influência consciente sobre o curso do processo educativo, a nova escola surge como uma das tarefas essenciais” (LUNATCHARSKY, 1988, p. 209 *apud* FELÍCIO; CHAVES; MOREIRA, 2022, p. 465). Além disso, no ano de 1918, no I Congresso de Toda-a-Rússia para a Instrução Pública, dizia ele: “pode ser considerado vitorioso e senhor do seu destino um povo que possua, além dos meios de produção, o conhecimento” (LUNATCHARSKI, 1988, p. 8 *apud* FELÍCIO; CHAVES; MOREIRA, 2022, p. 467).

Outro ponto importante nesse contexto é o de que a convicção que Lênin possuía

> [...] no papel estratégico da educação para o sucesso da Revolução era total, por isso, como seu chefe máximo, posição equivalente à de presidente, empenhou-se pessoalmente para que no VIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique), realizado em março de 1919, fosse aprovada a resolução que determinou:
> 1- Instrução geral e politécnica gratuita e obrigatória para todas as crianças e adolescentes dos dois sexos, até os 17 anos de idade; 2- Plena realização dos princípios da escola única do trabalho, com o ensino na língua materna, estudo em comum das crianças dos dois sexos, absolutamente laica, livre de qualquer influência religiosa, que concretize uma estrita ligação do ensino com o trabalho socialmente produtivo, que prepare membros plenamente desenvolvidos para a sociedade comunista (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021, p. 54).

Contudo, levando-se em consideração que “o socialismo dialoga com as características próprias da sociedade na qual aconteceu a revolução” (SARTORI, 2020, p. 152), os bolcheviques e toda a sociedade russa tinham que levar em conta, para todas as modificações sociais (incluindo, portanto, as educacionais), a herança histórica deixada por séculos de monarquia e influências das mais diversas, de maneira que a cultura educacional soviética fosse

> [...] impactada pelo positivismo, marxismo e empirismo, [...] – fortemente alicerçada na concepção de mundo engendrada pelo cristianismo ortodoxo – foi marcada por um sistemático debate entre facções religiosas conservadoras e pensadores materialistas radicais. Essas contendas marcaram a gênese do pensamento educacional bolchevique. Neste contexto, uma plêiade de intelectuais liberais, libertários e marxistas legais engendraram as bases da filosofia educacional dos adeptos de Lênin a partir do início do século XX (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021, p. 27-28).

A prática czarista de educação formal era baseada, desde a sua formação, em 1802:

> [...] em dois princípios: 1. Constituição de um sistema educacional no qual a escolaridade ficava garantida aos filhos da aristocracia agrária e às classes médias dos grandes centros urbanos, ou seja, uma educação escolar demarcada pela seleção dos estudantes segundo as suas respectivas origens sociais; 2. Reafirmação da educação escolar como um aparelho reprodutor do tripé ideológico que sustentava o poder dominante da aristocracia agrária: autocracia (monarquia), ortodoxia (cristianismo) e nacionalidade (russificação dos outros povos). A histórica manutenção de um sistema educacional destinado a poucos mergulhou a velha Rússia na escuridão cultural, fator determinante para que o imenso Império euro-asiático chegasse ao século XX sem ter universalizado a escola pública (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021, p. 40).

Nota-se, portanto, ao longo das exposições, a diferenciação entre as propostas educacionais czarista e pós-revolucionária. O produto das medidas soviéticas a partir da Revolução de Outubro, para a alfabetização, foi visto em seu auge em 1939, quando a URSS se encontrava totalmente alfabetizada (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020), além de seguir critérios de

> Universalidade, laicidade, estatalidade, gratuidade, renovação cultural, assunção da temática do trabalho, como também a compreensão dos aspectos literário, intelectual, moral, físico, industrial e cívico. O que o marxismo acrescenta de próprio é, além de uma dura crítica à burguesia pela incapacidade de realizar esses seus programas, uma assunção mais radical e consequente dessas premissas e uma concepção mais orgânica da união instrução–trabalho [...] (MANACORDA, 1989, p. 296 *apud* FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 128).

Nesse âmbito de grandes transformações (1917-1930), foram formuladas as primeiras grandes teorias pedagógicas da URSS que marcaram a revolução cultural já mencionada (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020), encabeçadas por Luria, Vigotski, Krupskaya, Leontiev, Pistrak e Makarenko (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 125).

4.3 Xadrez e consciência socialista

O jogo de xadrez, na Rússia, é centenário.

> Numerosas fontes históricas relativas aos séculos XVI e XVII refletem o amor do povo pelo xadrez e a popularidade do jogo na Rússia. Um manual de xadrez do início do século XVII, escrito por Gustavus Selenus, por exemplo, cita uma carta da Polônia, escrita em 1581, que diz que “os russos, ou moscovitas, jogam xadrez de forma mais engenhosa e com grande diligência,

> e a sua habilidade neste jogo é de tal forma que, na minha opinião, outras nações não podem facilmente igualá-las" (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 12, tradução nossa).

Contudo, apesar de ter se tornado um jogo popular com o transpassar histórico, ele não foi poupado pelos eventos militares que se seguiram no começo do século XX, mantendo situação tão catastrófica quanto a do sistema educacional soviético do período. Tais fases beligerantes apresentavam, de forma geral, um desafio, uma "escolha que todo revolucionário-enxadrista enfrenta: jogar xadrez ou fazer revolução?" (HUDSON, 2013, p. 79, tradução nossa). O verdadeiro impacto disso foi medido na prática, no ano de 1920, quando,

> [...] em tempo de guerra, a Primeira Olimpíada Pan-Russa de Xadrez, de fato o primeiro campeonato soviético, foi realizada em Moscou. O principal objetivo da Olimpíada, que foi patrocinada pela Organização dos Reservistas Gerais, era trazer à tona e unir as forças de xadrez da Rússia. Revelou que a Guerra Mundial, e depois a Guerra Civil, tinham dizimado as suas fileiras. Entre os 16 competidores da Olimpíada houve apenas um grande mestre e três mestres (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 53, tradução nossa).

Um ponto importante para o entendimento do valor que o xadrez recebeu no período pós-revolucionário perpassa as próprias raízes do jogo moderno no país, relembrando um embate histórico que o fundador da Escola Russa de xadrez, Mikhail Chigorin (1850-1908) (KOTOV; YUDOVICH, 1961), enfrentava, lutando pela democratização e "contra a profanação da arte [enxadrística] por patronos 'magnânimos'" (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 17, tradução nossa). É válido dizer que

> Antes da revolução, as organizações de xadrez eram reservadas à elite, classes privilegiadas. Isso explica as ações dos soldados alojados [durante a Primeira Guerra Mundial] nas salas da Assembleia de Xadrez de Petrogrado. Eles haviam decapitado as peças de xadrez por causa da associação do xadrez com o Antigo Regime (HUDSON, 2013, p. 89-90, tradução nossa).

Devido ao aspecto proletário e socialista da nova sociedade, era necessário que o xadrez, enquanto símbolo da antiga sociedade, fosse então ressignificado, de maneira a

> [...] destruir as organizações das classes privilegiadas. A cultura do xadrez, como todos os outros aspectos da cultura burguesa, teve que suportar o julgamento dos trabalhadores. Seriam descartados ou reconstruídos ao longo de linhas proletárias (HUDSON, 2013, p. 89-90, tradução nossa).

Após uma tentativa falha, na qual os enxadristas e os entusiastas da organização proletária do esporte no país tentaram, em um breve período de 1914 (em que a Primeira Guerra Mundial arrefeceu), restaurar o movimento instaurado por

Chigorin na criação de uma grande Assembleia de Xadrez (KOTOV; YUDOVICH, 1961), uma nova empreitada no mesmo sentido teve efeito a partir da execução da já citada Olimpíada Pan-Russa de Xadrez, criando espaço para novas alternativas de organização do esporte de forma que “as perspectivas para o xadrez soviético repentinamente se iluminaram” (HUDSON, 2013, p. 92, tradução nossa).

Foi percebido, por exemplo, que as iniciativas enxadrísticas só surtiriam efeito massivo caso fossem desligadas de seu antigo pensamento elitista e de “líderes [que] consideravam o xadrez como ‘arte pela arte’” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 54, tradução nossa). No mesmo ano, o renomado enxadrista bolchevique Il’in-Zhenevskii

> [...] observou que a justificativa para incluir o esporte [físico] no treinamento militar era menos sobre condicionamento físico do que sobre o desenvolvimento de atributos mentais específicos como ousadia e desenvoltura. Ele concluiu que o xadrez poderia ensinar as mesmas lições e muito mais. Como ele apontou: “O xadrez, às vezes até mais que o esporte [físico], desenvolve a ousadia, a inventividade, a força de vontade e algo que esporte não pode: habilidade estratégica”. Ele decidiu que o xadrez deveria ser incluído junto com esportes no programa de treinamento de Vsevobuch[24]. Esta foi a origem do apego do xadrez soviético à cultura física, associação que perdurou até o final da União Soviética. Il'in-Zhenevskii apresentou sua proposta de xadrez ao diretor principal de Vsevobuch, N. I. Podvoiskii, que aprovou imediatamente (HUDSON, 2013, p. 92-93, tradução nossa).

Pouco a pouco, as medidas relacionadas ao jogo de xadrez e sua relação com a nova sociedade florescente foram tomando forma.

> De um movimento fechado e divorciado da vida, transformaram-no em parte integrante do desenvolvimento cultural. O estabelecimento de novas formas começou em Moscou em 1922, quando os círculos de xadrez surgiram nos clubes de trabalhadores e nas fábricas e moinhos. O número de círculos cresceu e, em agosto de 1923, o departamento de educação cultural do Conselho Sindical de Moscou convocou a primeira Conferência de Xadrez de Moscou (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 54, tradução nossa).

Ainda no denominado Primeiro Período do xadrez soviético (1917-1924), em que “a Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917 colocou as atividades culturais ao alcance das massas” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 53, tradução nossa), observa-se que houve um marco significativo com a criação da Seção de Xadrez e Damas do Conselho Superior de Cultura Física, no ano de 1924, pois a partir de então foi formado um Congresso de Xadrez da URSS, que desempenhou um papel importante na ascensão do movimento. Ele definiu o lugar do xadrez no trabalho geral de educação cultural realizado pelas organizações soviéticas e dissolveu a

[24] Segundo o autor, “Vsevobuch” era “um acrônimo para Treinamento Militar Universal” (HUDSON, 2013, p. 92).

Associação Russa de Xadrez, já que não havia justificativa suficiente para a sua existência nas novas condições. Pela primeira vez na história do jogo, o Congresso apresentou a tese de que “o xadrez é um instrumento para o avanço cultural das massas” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 54, tradução nossa).

Concomitante a esse primeiro período de grandes conversões enxadrísticas, vale lembrar que aconteciam os “primeiros tempos da URSS (1917-1930)” (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 125), com o já citado desenvolvimento de grandes teses educacionais, pedagógicas e psicológicas. Ambas se entrecruzaram não apenas historicamente, mas inclusive dialeticamente, como veremos a seguir, de acordo com os próprios praticantes e desenvolvedores de tais teorias.

Lunatcharski (1988, p. 92 *apud* FELÍCIO, 2018, p. 123) dizia que os profissionais da educação “devem escolher sempre os jogos de maneira a fazer-lhes adquirir todos os dias novos conhecimentos, para que em cada dia aprendam alguma coisa, para que em cada dia elas possam iniciar-se neste ou naquele pequeno trabalho manual”, rumo à edificação de novos preceitos do trabalho. Na prática, isso significa que

> Os limites entre as disciplinas específicas de ensino, claro, se misturam por completo na escola elementar, que constitui os últimos anos do jardim da infância. Aqui quase todos os estudos reduzem-se a uma grande e única disciplina ainda não diferenciada: o trabalho de familiarização com o meio ambiente natural e social que cerca a criança. Jogo, passeio, palestra fornecem material para o pensamento coletivo e individual na atividade da criança. Começando com a própria criança e o seu meio ambiente, tudo serve de objeto para perguntas e respostas, contos, composições, desenhos, imitações. O professor sistematiza, sem nenhuma coação, a curiosidade da criança e seu desejo de movimento e direciona-o de forma a obter, assim, resultados mais valiosos. Tudo isso também é matéria básica de ensino, como se fosse uma enciclopédia infantil. Os níveis mais elevados de ensino, naturalmente, não se limitam a isso. O trabalho sistemático com a assimilação de um determinado ciclo de conhecimentos ocupa lugar principal. Mas este ensino de disciplinas específicas não deve de forma alguma substituir esta enciclopédia, que continua também aqui a jogar um grande papel, mas que adquire um caráter um pouco diferente. A saber, ela toma agora um caráter de estudo da cultura humana em ligação com a natureza (LUNATCHARSKI, 2017, p. 291).

De maneira similar, Krupskaya deixou registros da importância dos jogos na nova sociedade socialista em vários de seus escritos[25]. Segundo a revolucionária, a nova escola deveria perder o costume da antiga escola, que

[25] Em português, é possível encontrar em: “Sobre a questão da escola socialista” (1918); “A mulher e a educação das crianças” (1901); “Auto-organização escolar e auto-organização do trabalho” (1923); “A questão da educação comunista” (1921), todos presentes no livro “A construção da pedagogia socialista”.

> [...] dá muito pouco lugar ao jogo, logo impondo à criança o caminho para qualquer atividade pelo método das pessoas adultas. Ela não valoriza o papel dos jogos. A passagem dos jogos para os estudos sérios é demasiadamente brusca; entre o jogo livre e os estudos escolares regulamentados nada é colocado para preencher a brecha (KRUPSKAYA, 2017, p. 121).

Para Krupskaya, os "diferentes tipos de jogos contribuem, também, para o desenvolvimento das habilidades organizacionais. [...] Não podemos ignorar o jogo, um dos mais importantes meios de educar o hábito da ação coletiva" (KRUPSKAYA, 2017, p. 88). Semelhantemente anunciava Pistrak (2009), ao demonstrar, como exemplo prático da escola-comuna, como os jogos são importantes para a socialização dos jovens e o desenvolvimento das crianças.

Seguindo a mesma linha dos revolucionários supracitados, Makarenko via a educação como necessariamente moral e política:

> Os nossos objetivos são especiais: devemos formar um comportamento comunista. Por outras palavras, os nossos objetivos só podem ser expressos nas qualidades do caráter que definem a personalidade comunista e estas qualidades devem formular-se muito detalhadamente, com precisão (MAKARENKO, 2010, p. 121).

Para alcançar tais objetivos, no entanto, o educador soviético traz à luz a análise mais aprofundada sobre os "jogos" que os autores anteriores não haviam especificado. Segundo ele, o novo sistema educacional soviético deveria portar "instituições infantis para organizar o trabalho cultural" (MAKARENKO, 2010, p. 70). Dizia o autor, a respeito de maneiras de fomentar o trabalho cultural:

> Podem ser recomendados os seguintes círculos: de coro, dramático, de literatura russa, de literatura nacional, de instrumentos de sopro, de instrumentos de corda, de instrumentos de percussão, de pintura, de trabalhos manuais, de dança, de fotografia, de investigações em ciências naturais, de radioamadores, de física e química, de línguas estrangeiras, desportivo, de contos, de xadrez e damas (MAKARENKO, 2010, p. 71).

Dessa forma, o xadrez figurou, dentro da concepção educacional soviética, como um instrumento de estímulo à prática do desenvolvimento da consciência socialista, fator de importância fundamental para as sociedades em formação (MÉSZÁROS, 2007). Como atesta Mészáros (2011),

> [...] é improvável que certas condições para a socialização da produção e para a posterior unificação do trabalho previstas por Marx se realizem no quadro dos limites e das restrições da própria ordem social capitalista. Naturalmente, isso não diminui a importância de uma consciência de massa socialista. Ao contrário, destaca ainda mais a função sócio-histórica vital de tal consciência. A plena realização do projeto socialista é inconcebível sem

> um bem-sucedido tratamento consciente, integrado e “totalizante” (embora, é claro, mediado) de seus problemas pelos produtores associados, em um ambiente globalmente interligado [...] (MÉSZÁROS, 2011, p. 1062).

Corroborando com as ações e organizações educacionais soviéticas do período e suas proposições, Mészáros ainda diz que

> [...] só se pode apelar com realismo para a importância crescente de uma consciência social totalizante evocando-se ao mesmo tempo as mediações materiais necessárias – que visam à superação da dada fragmentação do trabalho – pelas quais se torna inicialmente possível o desenvolvimento desta consciência (MÉSZÁROS, 2011, p. 1062).

Assim sendo, a educação soviética, em especial conjugada com o xadrez (ainda de caráter profundamente anti-idealista, uma das marcas do legado de Chigorin) (KOTOV; YUDOVICH, 1961), foi fundamental para o desenvolvimento da consciência socialista soviética, uma das bases até mesmo para o combate soviético na Guerra Fria, que contou com a propaganda massiva do xadrez após o esporte ter atingido seu auge de maturação na cultura soviética (SOLTIS, 2000, p. 2).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, percebeu-se que os jogos, de maneira geral, podem criar uma atmosfera social e política extremamente proveitosa quando bem analisados e instrumentalizados, principalmente se acompanhados por profissionais da educação que tenham conhecimento básico de seu uso. O “jogo pelo jogo” existe (apesar de não ser livre da influência ideológica, pois assim como os diálogos entabulados no subcapítulo intitulado “O processo revolucionário”, presente no “Meio-Jogo” [capítulo 3], tudo que envolve o ser humano e suas dinâmicas é perpassado de certa forma, pela ideologia), mas não se deve perder de vista a magnitude da possibilidade do uso educacional de uma ferramenta de tanta importância, como é o caso do jogo de xadrez, foco principal dessa pesquisa.

Através da execução desta pesquisa, formam-se evidências suficientes de que o xadrez performou um papel de demasiada influência e notoriedade ao longo da educação soviética, no que concerne aos anos que criaram as bases para a sucessão do socialismo na Rússia, inclusive na candente tarefa de fomentar e consolidar a chamada “consciência socialista” do “novo homem soviético”, termos relativamente comuns na literatura da época, presentes, por exemplo, em Makarenko (2010), mas também constantes em análises posteriores, como no estudo organizado por Lombardi e Lima (2020) a respeito das características gerais e particulares da educação socialista praticada nos principais centros políticos contra-hegemônicos do século XX.

Visto que a nova sociedade russa tinha a necessidade de formar uma unidade tanto política quanto socialmente coesa (e de acordo com o ideário proporcionado pelo socialismo marxista), a adesão do xadrez enquanto jogo foi fator fundamental, quando conjugado às outras instâncias promovidas pelo socialismo soviético, para estimular os povos russos em busca de mudanças estruturais que levassem aquela sociedade rumo a uma sociabilidade que internalizasse os preceitos de um novo jeito de viver e conduzir a vida pública.

Historiograficamente, notou-se que há uma vasta existência de escritos sobre o xadrez, envolvendo a teoria enxadrística, sobre o xadrez enquanto ciência, esporte, jogo ou arte, principalmente escritos pelos GM’s[26] do século XX; de maneira

[26] Sigla para “Grande Mestre”, o mais alto título vitalício e honorário concedido pela FIDE (Federação Internacional de Xadrez).

parecida, encontrou-se uma ampla gama de textos sobre as circunstâncias revolucionárias da Rússia nas duas primeiras décadas do século XX e sobre as necessárias tarefas (inclusive educacionais) da Revolução Russa para que pudesse firmar-se exitosa. Contudo, produções acadêmicas que associassem ambos os temas de maneira profícua, proporcionando a interligação dialética entre xadrez e revolução, não foram encontradas com facilidade – destacamos, nesse aspecto, trabalhos principalmente escritos em língua inglesa, tais como o livro de Andrew Soltis (2000), já devidamente referenciado, a tese de Michael Hudson (2013), e a produção de Alexander Kotov e Mikhail Yudovich (1961), mesmo que saibamos da existência de outros trabalhos importantes que poderiam ter sido usados, ainda que também em língua inglesa.

Com a certeza de que ainda existem muitas possibilidades de estudo que se alicerçam na interrelação entre as ciências sociais e a ciência enxadrística, deixamos uma porta entreaberta para futuras pesquisas não apenas nossas, mas de pesquisadores outros que, porventura, tenham interesse em aprofundar determinadas temáticas discutidas durante este trabalho.

Como exemplo, temos a questão enxadrística revolucionária de Lênin e sua associação teórico-metodológica com o jogo de xadrez; ou o uso do xadrez na educação, porém transposta aos governos posteriores da Rússia socialista, como o stalinista, que possui maiores fontes sobre o tema; ou até mesmo a dinâmica entre xadrez e educação revolucionária proposta por outros países, como Cuba, que contou historicamente com José Raul Capablanca enquanto grande difusor do xadrez cubano; quiçá o xadrez chinês também pode ser alvo de pesquisas relacionadas, tendo em vista que após a queda da hegemonia soviética (enxadrística, mas também política) enquanto propriamente URSS[27], nove das catorze campeãs mundiais (incluindo a atual, Ju Wenjun) foram chinesas, além do fato de que o atual campeão mundial de xadrez, anunciado em abril de 2023, também é chinês[28].

---

[27] Pontua-se que os países anteriormente membros da URSS, de maneira geral, ainda permanecem com grande força nos campeonatos de maior prestígio nacional e internacional, como nota-se pelo histórico de campeões mundiais e candidatos ao título.

[28] Trata-se de Ding Liren, que venceu Ian Nepomniachtchi, russo nascido na antiga República Socialista Federativa Russa.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. D'A. A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. **Instrumento**: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 103-112, jul./dez. 2009. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18708/9826. Acesso em: 05 out. 2023.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1975.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BITTAR, M; FERREIRA JUNIOR, A. **A Educação Soviética**. São Carlos: EDUFSCAR, 2021.

BLANCO, U. Resenha 2: Por que o xadrez nas escolas?. *In*: FILGUTH, R. (org.). **A importância do Xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 30-31.

BLOCH, M. **A apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

BOTTOMORE, T. Classe Média. *In:* BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. p. 111-113.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução.** 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, *[s. l.]*, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123422. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422. Acesso em: 3 maio. 2023.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer?.** 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

CARMICHAEL, J. **História resumida da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

CARNEIRO, C. F.; LOUREIRO, L. Resenha 3: A importância do xadrez na educação das crianças. *In*: FILGUTH, R. (org.). **A importância do Xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 32.

CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHESNEAUX, J. **Devemos fazer tábula rasa do passado.** Sobre história e os historiadores. São Paulo: Editora Ática, 1995.

COGGIOLA, O; CLEMESHA, A. **25 de outubro de 1917**: A Revolução Russa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

COSPITO, G. Hegemonia. *In:* LIGUORI, G.; VOZA, P. **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 722-728.

D'AGOSTINI, O. **Xadrez Básico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

DAUVERGNE, P. O caso do xadrez como ferramenta para desenvolver as mentes de nossas crianças. *In*: FILGUTH, R. (org.). **A importância do Xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 11-17.

DOUBEK, J. **Xadrez para Principiantes**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1982.

FELÍCIO, P. G. **Anatoli Vassilievitch Lunatcharski**: A educação na Rússia Revolucionária (1917-1929). 2018. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/dissertacoes-1. Acesso em: 15 jun. 2023.

FELÍCIO, P. G.; CHAVES, M.; MOREIRA, J. A. da S. Proposições de Anatoli Lunatcharski para a educação soviética: a defesa pela ciência e pela arte. **Germinal**: Marxismo e educação em debate, Salvador, v. 14, n. 3, p. 462-473, dez. 2022. DOI: https://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.48214. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/48214/28307. Acesso em: 10 set. 2023.

FERGE, Z. Educação. *In:* BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. p. 199-200.

FERNANDES, F. **A condição de sociólogo.** São Paulo: Hucitec, 1978.

FERREIRA JUNIOR, A.; BITTAR, M. Revolução e educação: a experiência soviética. *In*: LOMBARDI, J. C.; LIMA, M. (org.). **Educação e Revolução**: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. p. 119-131.

FILGUTH, R. (org.). **A importância do Xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FONTANA, J. **História:** análise do passado e projeto social. Bauru: EDUSC, 1998.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

HARNECKER, M. **Estratégia e Tática**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HOBSBAWM, E. J. Podemos escrever a história da Revolução Russa? *In:* HOBSBAWM, E. J. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 332-346.

HORIGUTI, Resenha 4: Xadrez: O jogo que educa. *In*: FILGUTH, R. (org.). **A importância do Xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 40-42

HUDSON, M**. *Storming Fortresses**: a political history of chess in the Soviet Union*, *1917 – 1948*. 2013. 416 f. Tese (Doutorado em Filosofia da História) – Universidade da Califórnia, Santa Cruz, 2013. Disponível em: https://escholarship.org/content/qt0s71f0cw/qt0s71f0cw_noSplash_22625b826d6aad8c2769f6e3e401dac6.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JULIÃO, T. Uma etnografia do xadrez: símbolos e representações. *In*: FILGUTH, R. (org.). **A importância do Xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 131-138.

KOCHAN, L. **Origens da Revolução Russa (1890-1918)**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

KOTOV, A; YUDOVICH, M. ***The Soviet School of Chess***. Nova Iorque: *Dover Publications*, 1961.

KRAUSZ, T. **Reconstruindo Lenin**: uma biografia intelectual. São Paulo: Boitempo, 2017.

KRUPSKAYA, N. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LASKER, E. **História do Xadrez**. [*S.l.*], Editora Heráclito, 2014.

LÊNIN, V. I. **A aliança operário-camponesa**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961.

LÊNIN, V. I. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LÊNIN, V. I. **O que fazer?** São Paulo: Boitempo, 2020.

LÉNINE, V. I. **Aos pobres do campo**: explicação aos camponeses daquilo que querem os sociais-democratas. Lisboa: Editorial “Avante” – Edições Progresso, 1984.

LOMBARDI, J. C.; LIMA, M. (org.). **Educação e Revolução**: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D (org.). **Marxismo e Educação**: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2017.

LUNATCHARSKI, A. V. Declaração sobre os princípios fundamentais da escola única do trabalho. *In*: KRUPSKAYA, N. K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 285-308.

MAKARENKO, A. As minhas concepções pedagógicas. *In:* FILONOV, G. N. **Anton Makarenko**. Recife: Editora Massangana, 2010. p. 114-125.

MAKARENKO, A. O trabalho cultural. *In:* FILONOV, G. N. **Anton Makarenko**. Recife: Editora Massangana, 2010. p. 70-76.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

MANFRED, A. Z. **A Concepção Materialista da Revolução Francesa**. São Paulo: Global Editora, 1982.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Humanização**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MARX, K. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

MARX, K. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, I. Educação: o desenvolvimento contínuo da consciência socialista. *In*: MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 293-316

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MURCIA, J. A. M. (org.). **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NETTO, J. P. **O que é marxismo?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PISTRAK, M. (org.). **A escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ROCHA, W. **O jogo e o xadrez**: entre teorias e a história. 2009. 80 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Católica de Goiás, 2009. Disponível em: https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/2252/1/Wesley%20Rodrigues%20Rocha.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

RUSSIAN SOVIET FEDERATED SOCIALIST REPUBLIC. [Constituição (1918)] *Constitution of the Russian Soviet Federated Socialist Republic 1918. Moscow: All-Russian General Executive Committee, 1918*. Disponível em:

https://www.marxists.org/history/ussr/government/constitution/1918/. Acesso em: 12 set. 2023.

SARTORI, L. Educação e transição socialista soviética: perspectivas dos primeiros anos do regime. *In*: LOMBARDI, J. C.; LIMA, M. (org.) **Educação e Revolução**: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. p. 151-174.

SOLTIS, A. ***Soviet Chess* 1917-1991**. Londres: *McFarland & Company Inc*, 2000.

TRAGTENBERG, M. **A Revolução Russa**. São Paulo: Atual, 1988.

VISENTINI, P. F. **Os paradoxos da revolução russa**: ascensão e queda do socialismo soviético (1917-1991). Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

WEBER, M. “A Ciência como vocação”. *In*: WEBER, M. **Ciência e política.** Duas vocações. 16. ed. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 2000. p. 17-52.

WILSON, E. **Rumo à Estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.